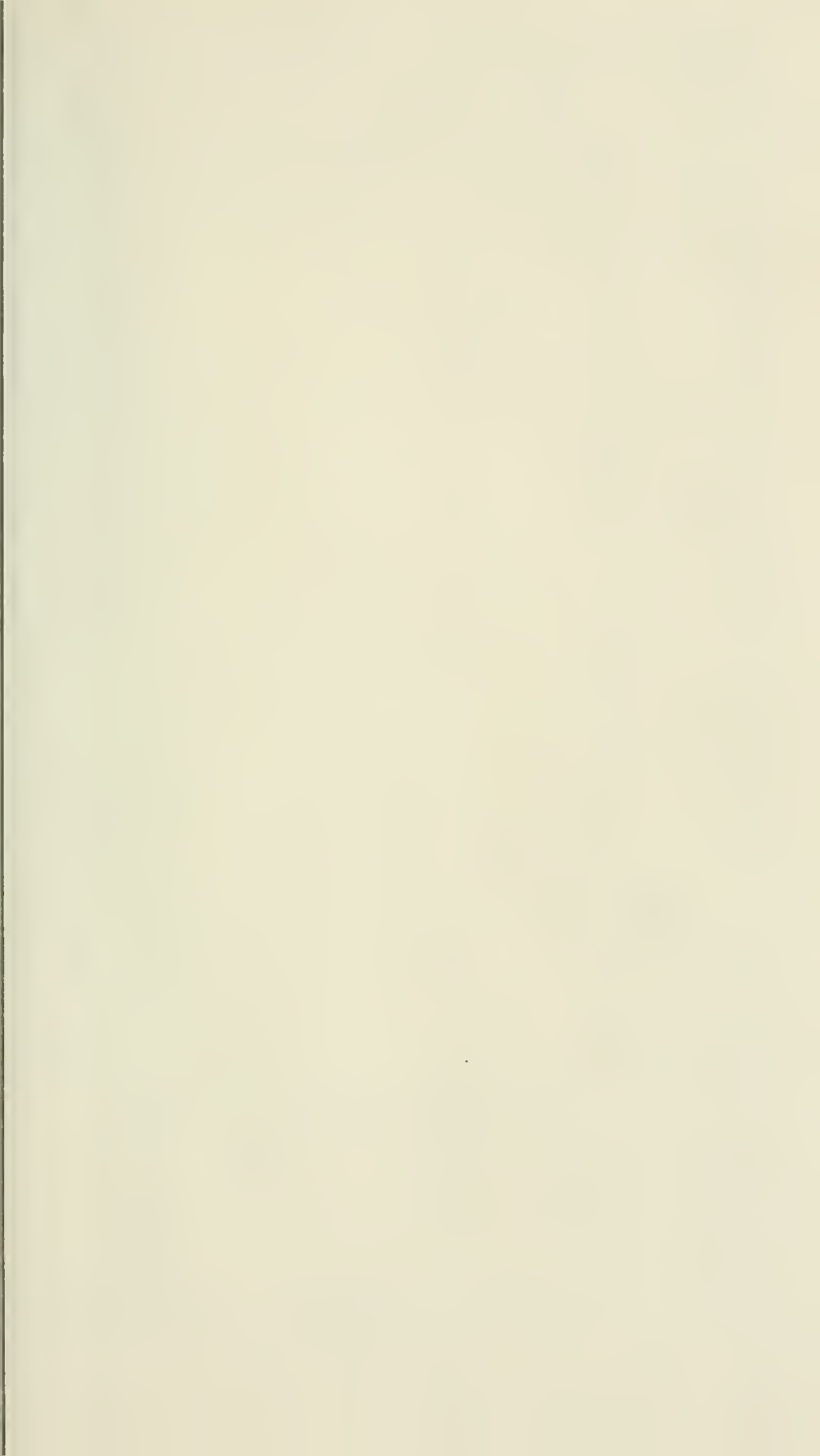


3 1761 03525 0547














ANTONIO PATRÍCIO

.....

710  
SERÃO IN-  
QUIETO

...

CONTOS

LIVRARIAS AILLAUD E BER-  
TRAND — PARIS — LISBOA





SERÃO INQUIETO

## DO AUCTOR :

OCEANO (versos).

O FIM (história dramática em dois quadros).

SERÃO INQUIETO (contos), 2.<sup>a</sup> edição.

PEDRO O CRU (drama em 4 actos), 2.<sup>a</sup> edição.

DINIS E ISABEL (Conto de primavera).

### *Em preparação :*

POEMAS.

O REI DE SEMPRE (Tragedia Nossa).

SHEHÈREZADE (contos).

CINCO DIÁLOGOS DE SONHO.

ANTONIO PATRÍCIO

...

# SERÃO INQUIETO

CONTOS

2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

....

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

PARIS — LISBOA

LIVRARIA CHARDRON  
PORTO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES  
RIO DE JANEIRO

1920

INQUIRY  
SERIALS

PQ  
9261  
P32.54  
1920



A

ANTÓNIO CÂNDIDO



Ecris avec du sang et tu apprendras que le sang est esprit.

*Ainsi parlait Zarathoustra.*

F. NIETZSCHE.





## DIÁLOGO COM UMA ÁGUIA

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

## Diálogo com uma águia

Fui jantar hontem ao palácio. Estava lindo! Felizmente ninguém. Tudo deserto. Quando eu descí do restaurante, a accender um Laferme com preguiça, caía a tarde de outono em vitrais ricos p'ralém das ramarias a despir-se. Passeei algum tempo na avenida, e sem saber porquê, indo ao acaso, fui estacar nesse recanto triste onde mora engaiolada uma águia velha. Há que tempos conheço êste mostrengo, num abandono de asilo, de ar pedinte, com asas que diríeis parálíticas, de um tom coçado e neutro de miséria!... Uma águia isto, este espantallo! A decadência reles de estas asas que tanta

vez olhei com indiferença, nem eu sei bem porquê, impressionou-me. Um animal de fábula, de mito, um ser que bebeu sol de olhos abertos, curvava as garras frouxas num poleiro, e depois de carnagens e aventuras, encolhido, misérrimo, com fome, acabava a aspirar a um meio-bife, como um vadio à porta de um café. Coitada! Teve uma forma assim aquella águia que saboreou Prometeu numa montanha!

A goiola está sórdida, está imunda. Antes estivesse empalhada num museu, ou no quarto de trabalho de um zoólogo, sócio da Academia, homem de estudo, que ao voltar da rua ou da glória, lhe pendurasse do bico o chapèu alto. Coitada! Coitada! E notei com um calafrio, que pronunciara alto êste «coitada», com uma voz que a mim mesmo surpreendeu pela inflexão perturbante de quinto acto. Olhei a águia. Vi-a encolher-se tôda, contrair-se, enclavilhar as garras no poleiro, como a uma dor aguda que a varasse. Encarou-me por fim, olhou-me todo, fazendo-me corar dos pés ao côco,

e com uma voz que não era a voz da fábula, sem nada de lendário, sem estranho, com uma voz normal de velha beata, arras-tada e roufenha, quasi gaga, cacarejou num tom de dor e mofa:

— Ao que eu cheguei! Ao que eu cheguei! Já tem pena de mim *isso aí fora*. . . Antes estar morta e podre, antes estar podre. . .

Estarreci. Não era o impossível realizado dessa carcassa de águia a falar alto, a falar como eu, que me empedrava: nem sequer o estranhei naquele instante; mas o dolorosíssimo desprêzo com que ella me chamou *isso aí fora*, com que ella ouviu que um *isso* a lamentava. Deitei fora o cigarro bruscamente, compus um momo frio de desdêm escondendo a irritação que me excitava, e premindo a bengala contra o queixo, retorqui-lhe benévolo e grosseiro:

— Não percebo o seu desprêzo, não me atinge. Eu não disse «coitada» p'rá ofender. É sempre triste ver uma águia presa, mas numa gaiola, assim, é lamentável. P'ra mais,

conforme vejo no letreiro, foi um comendador que a ofereceu... E a gaiola...

— Que tem? Falta de estilo?

— Está cheia de excrementos. Está indecente.

— Já não diria isso se os visse cair de alto, no deserto, sôbre o granito cariado duma esfinge... Cenários, digo-lho eu, literatura...

Eu então requintei de pedantismo, e perguntei-lhe a rir de que alta estirpe, de que águias reais, de que família, ela veio a cair neste poleiro onde agora a ouvia perorar num claro entardecer de intimidade, com idílios de guardas e criadas, raros bebês jogando às escondidas e um homem a varrer as fôlhas sêcas. Coçava-se a hesitar, com o bico baixo. Sacudiu as longas asas poeirentas e com uma voz de sono, começou:

— De alta estirpe, sim, de uma família de águias antiqúíssima. Uma das minhas ancestrais, como agora se diz, fêz viagens épicas na Judeia, e num crepúculo de assombros, abrindo com as garras uma cordi-



lheira de nuvens, vio pregado na cruz o Hebreu Doce, e logo desceu ao morro numa gula tão doida, que ensangüentou no ar de sêda as asas bravas... Rasgou o peito magro do Homem-Deus, e ficou doida para sempre, doida, doida, na alucinação dêsse manjar patético, de martírio divino e desespero. Porque ela ouviu a confidência do Heroi meigo... Mas não posso contar-lha, nem mais pio! É um segredo de família, é o meu segrêdo.

Amuei, retorqui num tom mimalho:

— Mas então, se não podia contar, p'ra que me falou nisso? Eu sou de uma curiosidade feminina. Já não saio daqui sem que mo diga.

— Mau! O senhor é uma criança. Que tolice! Dezenas e dezenas de avós meus, gerações e gerações de águias marinhas, levaram o segrêdo herdado e não traído, que nem ao sol, que é o deus das águias, revelaram. E quer agora o senhor com um papelzinho que lhe custou uns cobres (se o pagou) violar o murmúrio que tem séculos,

e é a última vibração daquele espírito que vestiu de nebulosas toda a Vida... Sabe que mais? Estou já arrependida de falar.

— Não se zangue. Juro-lhe, juro-lhe que não digo nada a ninguém. Se soubesse o que eu sei!... Segredos de família, dramas... dramas...

Esperei um instante ansiosamente. A águia inteiriçou-se, sem me olhar, bicando longes de memória, de saudade:

— Não sei que tenho hoje. Velhice, morte próxima talvez, pressentimentos... Quando essa avó longinqua cravou as garras no peito d'esse Réu, e lhe bicou o coração e bebeu sangue, sentiu que enlouquecia, que era outra... Como se ferisse uma irmã, teve remorsos; fixou os olhos bêbedos de sol nos olhos d'Ele, refrescou-lhe com as asas a cabeça, empastada em suor, de um verde lívido...

A cruz que estremecia, ficou hirta. E foi então, foi então que Ele lho disse...

— Mas o quê? O quê? Diga depressa.

... O segrêdo, senhor, o meu segrêdo.



— Mas qual é afinal? Quere torturarme...

— Renegou-se a Si-mesmo. Retractou-se! Disse o remorso de não ter vivido, a tristeza infinita, o desespero e o mal sem remédio de ser virgem, de morrer no corpo morto de uma árvore, único corpo que sentiu, o de um cadáver... As estrêlas que nasciam no céu dúbio eram pr'ó Moço Hebreu pólen doirado, e a sua alma moribunda abria toda como os hortos ideais da Galilea... O peito arqueou-lhe mais, contracturado... Queria largar a cruz p'ra poder dar-se, à terra dêsse cêrro, a alguma forma, a um corpo de mulher, a alguêm, a alguêm...

A voz da multidão pela ravina era um marulho de ressaca mui confuso, e Êle sentiu entre pragas e risadas, entre os lamentos e os insultos que silvavam, sentia vozes de mulher... ouviu, ouviu-as... Só elas Êle ouviu, ouvia sempre... Queria falar ainda, quis falar-lhes e pedir-lhes perdão do que lhes disse, com parábulas men-

tirosas de doçura e com olhos de lago sem desejo... Esvaía-se em sangue, ia azulando. Foi então que a minha avó uniu um voo lento, lhe emmoldurou nas asas côncavas a Face... e que ela ouviu, senhor, e que ela ouviu...

Calou-se um instante imóvel no poleiro. Reparei. Era o guarda que passava.

— Já não sei onde ia. Estou com febre. Ah! No que ouviu a minha avó naquele instante... Quando eu penso nisso, quando penso... Imagine, se pode, ora imagine... Êle que era um Adivinho, Êle o Vidente, num dêsses instantes de génio que abrem séculos, previu, previu bem claramente, como se mentiria à Vida em nome d'Êle, a morte da Beleza e da Alegria, a Tristeza e a Doença em nome d'Êle, séculos e séculos de vida envenenados por o sangue de amor que Êle vertera, e iria embebedar os homens muito tempo, para sempre talvez, talvez p'ra sempre. Sentiu então que a querer salvá-los, os perdera... Certo, êsse instante de dor sempre ignorado

foi o maior de dor que alguém viveu. E como Êle a diria, como...

— Em que língua falou? Foi em hebraico?

— Foi na língua das asas que Êle o disse. Não lha posso ensinar, já me não lembro. Quando me engaiolaram, esqueci-a. Mas que impressão lhe faz o meu segredo? Se os homens o soubessem, seria Êle na verdade o Redentor...

— Sim, sim. È bem justo o que me grasna. Shelley tê-lo-ia amado como irmão, e Nietzsche, o próprio Nietzsche...

— Bem sei. Êsse afirmou com pompa lá p'rò Norte, que Êle decerto se teria retractado se tão cedo o não crucificassem. Foi minha mãe que o disse a Zaratustra. Zaratustra ouviu mal, não disse tudo. A verdade é assim, como eu lha conto. Parece que os homens riram do filósofo, acharam tudo isso uma tolice...

— Acharam...

— E afinal êsse Hebreu crucificado, no instante supremo de tortura, quando p'ralêm

das nuvens o esqueciam, chamava só por Pan, o grande Pan! Se os homens soubessem isto e o entendessem, teria o grande Pan ressuscitado. Seriam brancas estas pobres asas.

— Brancas? Porquê?

— Durante séculos tivemos asas brancas, todas nós, águias da minha estirpe. Foi só depois que Pan morreu, que elas ficaram pretas, como luto. Quem se lembra de Pan por êstes tempos?...

— Os que sabem amar, os que ainda amam.

— Os que sabem amar!... Êsse Hebreu mesmo só conheceu o Amor no alto da cruz. Viveu como um fantasma transparente, com sonho nas artérias e nos olhos... Só escoado em sangue, no madeiro, viu nos olhos da minha avó sanguiscedenta, dois espelhos do Amor, irmão do sangue...

— Colhecem lá o amor aves de presa!

A águia crispou as garras no poleiro e casquinou um riso muito sêco, que soava

sem timbre, como tosse. Depois mudou de aspecto. Começou a tremer, toda friorenta, as asas como andrajos mais pendidas, e nos olhos de febre, muito fitos, uma grande saudade que varava.

— O amor das águias... o amor das águias...

— Que tem? Está comovida. Conte-me o seu amor. Sou todos ouvidos.

— O meu amor... o meu amor... Já me não lembro. Já não posso dizer-lho. Vai tão longe!... Sou uma velha tonta, sem memória, um farrapo de penas para escárnio. Nem olho o sol em face há muito tempo. O meu amor... o meu amor... Já me não lembro. Coisas sem forma... nuvens... nostalgias...

Fêz uma pausa. Parecia mais adunca, mais mirrada.

— No convés de um navio abandonado, amei no mar do Norte, aos vagalhões, noites e noites, bêbeda de espuma... Havia a bordo um marinheiro morto. Lembro-me bem. Que noites! Que mar alto!...



Tive um ninho e filhos pequeninos, num jardim vago, ao sol da meia-noite... Que silêncio! Sentia-o a passar por entre as garras...

Ensandeci de gôzo no deserto... Ouvi a Esfinge falar, ouvi a Esfinge, quando o sol lhe fendeu todo o granito, pôs ranhuras de dor nos olhos átonos, e escancarou a bôca em rictos duros... O que eu ouvi à pobre?

Soluçava!... Eis o inigma afinal, o grande enigma, à hora das miragens, do delírio, quando o sol enraivece, é só desejo, e o deserto urra no silêncio, e as areias escaldam e o ar zune... Amei... amei... amei na terra tôda... Desfraldei o desejo, cravei garras. Olhei o mar saciada e compreendi-o.

— Tem saudades do mar, aí na gaiola?

— Como um marinheiro preso... doidamente... O que eu viajei, o que eu viajei por sôbre a espuma!... Sei as lendas do mar como ninguêm. Contou-mas numa rocha um corvo antigo. Como sabe, os

corvos vivem séculos... Sabia-as todas êsse velho amigo... naufrágios e terrores... dramas da névoa... O mar! O mar! O que eu amei no mar! Mas o senhor não comprehende, o senhor não sabe. Que sabem do Amor os homens todos?... Foi êsse Hebreu, sem querer, que os desgraçou. Fizeram ao Desejo o que fazem às águias quando podem... Está como eu o Desejo: engaiolaram-no! Fizeram do Amor isto... um dever! Um dever... um dever... um dever triste! Empalaram-no em leis, codificaram-no. Até fizeram isso... o casamento! E vivem em gaiolas, os seus lares! Raça de escravos! Se êsse Hebreu os visse...

— A senhora é uma águia, não percebe... Eu não posso explicar-lhe a Sociedade...

A águia olhou-me com um desprêso frio.

— O quê? Não sei? Sei mais do que Balzac. Eu li-o todo em casa de um burguês. Vivi lá dez anos de amarguras. Estive presa primeiro no quintal. Depois cor-

taram-me as asas e soltaram-me. Soltaram-me mutilada pelas salas... Canalha! O que eu odeio os homens... As crianças, veja o senhor os anjos!... arrancavam-me as penas, espetavam-me o corpo com agulhas, e um dia um criado, na cozinha, tentou picar-me os olhos às risadas, a rir, a rir... como só riem homens. Sofri dez anos entre essa canalha. Era uma gente séria, muito séria. Vi a Família, a Tradição, vi tudo. Não queira argumentar, não diga nada. Sou uma águia, mas conheço os homens.

— De acôrdo. Eu não duvido. Não quero discutir, não argumento. Mas falamos do Amor, e apenas digo que há ainda quem ame sôbre a terra... gente da minha espécie... homens... homens... O amor, há-de a senhora concordar, não é um monopólio de asas nómades... Um bípede implume tambêm ama. È raro, eu sei, amor genuíno, é raro. Mas existe ainda, afirmo-lho eu, existe ainda...

— Que novidade! Pois não lhe disse já



que li Balzac? E viajei, e vivi mais do que pensa.

Parou um instante, o olhar scismático, sem foco:

—... Uma vez, num céu da Andaluzia, vi num jardim mourisco dois amantes. Senti o cio encrespar-me as asas largas e descí p'ros ver de perto na luz de ouro... Era na paz de uma cidade morta. Pousei num dos ciprestes do jardim. Tinha uma taça de alabastro esverdinhada, e uma água glauca que cheirava a febre. Era junto da taça que se amavam, sob a garra do sol, loucos de raiva. Fiquei quêda a aspirá-los muitas horas. Que corpos fortes! Eu achava-os lindos. Dormi na tôrre da igreja, numa gárgula, e de manhã voltei p'ros ver ainda. E assim dias e dias... Uma vez demorei-me, vim mais tarde, e encontreio-os imóveis e enlaçados. Tanto tempo os vi assim e tão imóveis, que pensei: *estão talvez mais que adormecidos...* Desci. Bati-lhes com as azas nos cabelos. Cravei as garras devagar nos seios dela... Estavam

mortos! Julguei então enlouquecer de gula. Devorei, devorei, até à noite... Lembrome que sorvi os olhos dela. Estavam secos de amor. Eram cinzentos...

— Que horror! O que a senhora fêz!...

A águia ergueu as asas num espanto e tornou a fechá-las lentamente. Depois, com grande enfado, foi dizendo:

— Que absurdos macacos são os homens! São os animais mais torpes que eu conheço. Como tudo que vive, como todos, só pensam em gozar, gozar a vida... e com esta obsessão a estorcegá-los, prendem-se os braços, castram os desejos, adoentam-se, torcem-se... progridem. Querem morder, morder bem fundo... e beijam-se; sentem calor e andam ao sol vestidos; amordaçam o instinto, os imbecis!... Encerram o desejo nas alcovas, onde não entre sol, sombra de lua... Tem estatutos, cláusulas, parágrafo, Não fecundam a amar, são fabricados: são produtos de indústria os homens de hoje! Chamam a isto Civilização. Não vivem por viver: tem

deveres a cumprir, obrigações... E tudo isto em códigos, sistemas, em religiões, teorias, em morais!... P'r'ós que tentem ser homens a valer, há prisões, há leis, ha tôda a Ordem! Existem já na terra há muitos séculos, e ainda não começaram a viver... ou, se viveram, foi na Pre-História ou na Pre-Lenda! Que macacos absurdos! Que macacos!

— Mas pare um instantinho, oiça, oiça...

— Não me mace, senhor, não me interrompa... O que mais os consome e os faz grotescos, e os enche de vaidade, é a Consciência, o Espelho, o Guia, o grande Guia, que os levou a isso que são hoje...

Atalhei, como quem aponta um cúmplice:

— A culpa foi dêsse Hebreu de quem falámos. Talvez se o seu segrêdo se soubesse...

— Não foi só d'Ele, foi de muitos outros... Antes d'Ele e depois..., de muitos outros.

Tremeu-lhe o corpo todo. Arrepanhavam-

se-lhe as penas. Estava outra. Via-a transfigurar-se com espanto.

— O senhor é bem um homem. Não se pode nutrir sem illusão. Quando há pouco lhe disse o meu segrêdo, dei-lhe a entender que se êle se soubesse, havia na verdade um Redentor, os homens viveriam sôbre a terra. Tive pena de si que é um desgraçado. Sempre lho digo agora: era inútil! Conheço bem os homens por meu mal. O segrêdo do Hebreu que lhe contei, não é um caso único: é de sempre. *Á hora de morrer — a uma águia, aos lençóis ou ao travesseiro, todos os homens tem como êsse Hebreu, um segrêdo supremo a revelar. É apenas isto: a confissão de que morrem sem viver.*

Continuou depois com o bico alto:

— Os homens são uma espécie condenada. *São bastardos de planta e de fantasma.* (1) Quem disse isto? Não sei... estou sem memória. Raça de escravos vis,

---

(1) Nietzsche.

raça de escravos! E p'ra fugir à Vida o que inventaram! Como trabalham, suam e tressuam!... Dissecam tudo, árvores e pedras, fecham-se em quartos a estudar micróbios... E cada dia são mais desgraçados, mais fracos, mais inquietos e mais tristes!... Cada dia se embrulham mais em roupas, põem mais vidros nos olhos, tem mais mêdo... E cada dia fogem mais à vida! Que imbecis! Que imbecis! Que espécie torpe!

Sentia-me exaltado, nervosíssimo. A voz saiu-me estrangulada, rouca, em sobressaltos, brusca, sem fluência:

— A senhora diz coisas que me espantam, que por vezes são justas e terríveis, mas há outras também que não entende, que não pode entender, sim, que não pode. É natural. A senhora é de outra espécie. Tem vivido com os homens mas é águia... e águia ficará até morrer.

Parei. Sentia-me vazio, em suores álgidos, quasi incapaz de articular palavras. Ela então, com a plumagem toda crespada, transfi-



gurada agora, agora outra, já com metal na voz, interrogou-me:

— O quê? O quê? O que é que eu não entendo?

Sem recursos, nulo, desvairado, atirei-lhe êste lugar comum, como se estivesse a falar com um jornalista:

— Por exemplo: o Sentimento, a Beleza moral que há no Universo!

Vi-a saltar do poleiro, esvoaçar, bater asas de fúria nos arames, e recaír depois na mesma pose, a arquejar, asmática de raiva. Ficou assim sem fala ainda algum tempo. Apeteceu-me fugir. Tive vergonha. A voz dela por fim veio em arestas, ferindo o meu orgulho já ulcerado:

— A Beleza moral!... O Sentimento! Que fizeram com isso?... Que fizeram? A Harmonia social, êsse concerto que é de rasgar os olhos e os ouvidos. A fome, a revolta, o desespêro... A raiva de saber, de analisar, de fechar em teorias toda a Vida... A Dúvida, a loucura metafísica, e o culto da dor, êsse onanismo!... A impotência em

tudo, a impotência. . . E por paródia à luta de viver, uma luta sem garras, enluvada, um ódio triste e covarde, corrosivo; a intriga e a cilada pela fôrça; a caridade que é o egoísmo doente, e o culto dos ídolos, os cultos, a escravidão aos deuses e às ideias. . . A Harmonia social. . . essa gaiola onde vivem a uivar os homens todos!

Dava gritos estrídulos, sarcásticos: as penas eriçavam-se de fúria.

— Oh! O ódio dos homens, que grotesco! E há classes opressoras e oprimidas, com fórmulas, com cláusulas, com leis!

Não é o ódio celular, contracturante; não é o ódio animal todo de instinto; não é o ódio de todos quantos vivem! O ódio dos homens foi canalizado, por seitas, por classes, por partidos, em dogmas, preconceitos, covardias. Nos outros animais o ódio é orgânico! Todo o combate é sempre pela Vida. O dos homens é anêmico, missérrimo, e defende o dever, o preconceito, as taras de domínio e servidão, e até mesmo na revolta é miserável, pautando a Vida, siste-

matizando. É o ódio da paródia de viver, do fantasma de Vida que êles vivem!...

Parou. Eu estava como tonto, desvairado. Tinha decerto endoidecido essa águia velha, delirava, dizia só loucuras; mas eu não achei nada para opor-lhe, p'râ aniquilar nêsse silêncio de fadiga. De súbito lembrei-me: a Arte, a Arte, toda a minha quimera de mãos postas!

Sentindo-me desta vez irredutível, gritei-lhe p'râ gaiola:

— E a Arte? A Arte? Consolação suprema de viver...

Teve farpões de escárneo ao responder-me:

— A Arte!... A Arte é a expressão da Vida. São os homens que o dizem, não é assim? Ora se êles não vivem, se não vivem, se parodiam a Vida a cada instante, se fogem mais e mais da grande Vida, a Arte é uma paródia de paródia, um espectro de espectro... miserável! Querem com tintas imitar o céu, e transcrevê-lo em lonas, em madeiras!... O céu bebe-se aos haustos,



com os olhos; olha-se por olhar, sem intenção; recebe-se nas pupilas extasiadas, que se alargam mais com sêde dêle. . . É o que faz um sapo a olhar os astros! É o que os homens não compreendem nunca! Tôda a terra é feliz se o sol a doura; tudo germina, as pedras e as sementes. . . Só os homens que se cobrem p'ra evitá-lo; que nas cidades gastam horas a vestir-se; que tem por céu só um paninho côncavo a que chamam guarda-chuva ou guarda-sol; que o filtram nas igrejas por vitrais, que usam lunetas, que o receiam sempre; que tem medo da morte às suas garras, deslumbramento e orgulho de águias sôltas; só os homens, absurdíssimos macacos, querem copiá-lo em lonas, em madeiras, com tintas, com carvões, com paus de côr! . . .

Que macacos absurdos, que macacos!

Bem quis interrompê-la, não podia. Vibrava de loucura negadora, hierática, estranha, convulsiva.

— E nem poupam o mar nem as searas, as penedias trágicas, as rosas! Metem o

mar nuns centímetros de lona, e com mêdo que as marés vão sufocá-los (a águia ria, ria como louca) mandam emoldurá-lo, encaixilhá-lo!...

Prendem-no assim nas salas, nas alcovas. Oh! A Arte dos homens! Coisa imensa! A paródia da Vida... paralítica! Mas vá alguêm dizer-lho! Vão dizer-lho! Ainda os antigos cegavam as estátuas... Êstes abrem-lhes olhos, bem abertos, a reflectir... o quê? A vida dêles, a paródia de vida que êles vivem e que andam a imitar ainda por cima!...

A noite começava a entrar nas coisas. Um grito de pavão varou o parque, assustou os jardins que adormeciam, e um instante no ar, teve saudades... Uma angústia sem nome andava esparsa, caía das árvores grisalhas, que pareciam à escuta, com terror. Em frente o chorão vergava mais, quási rasava a terra com doçura, em curvas de um encanto nazareno. Uma sereia aguda de vapor, já a saír a barra certamente, mugiu como um agouro de naufrágio. A treva ia afogar tôda a gaiola. Não via bem

a águia, mal a via. Só os olhos e as asas muito vagas... Era um fantasma de águia àquela hora, mas crescia em mim desmesurada, como um ser de fábula e tragédia, oráculo sarcástico e sinistro, lendo o horóscopo num poleiro reles, como se rasgasse a esperança com as garras. Afinal era eu a sua presa, e ouvia-a passivo a torturar-me.

— A Arte dos homens! Que mentira triste! Em vez de serem belos como estátuas, derrancam mais os corpos para erguê-las! Até modelam sonhos e quimeras!...

Nunca olharam as nuvens, nunca as viram, êsses mármores ao vento, fluctuando... E o vento! O vento! Sabem lá ouvi-lo! Tanto não sabem que quando êle prega, durante o inverno em que êle é todo génio, metem-se em casas grandes, bem fechadas, p'ra ouvir sons, sons, imensos sons... Chamam a isso Música. Conheço-a. Desde que vivo com os homens, perseguiu-me. Nem aqui na gaiola eu lhe escapei. Toca aos domingos horas, no coreto. Enche-me mais de raiva e de miséria. A música das

águias como é outra!... Quem a ouviu como eu quando era águia, antes de ser esta carcassa reles! Nas montanhas, no mar, na névoa móvel!... Sobretudo no mar, no grande mar... O que eu viajei nos temporais a ouvi-la! Às vezes partíamos no vento em turbilhões, asas e asas, nómades, pairantes... Regougos de ondas, nuvens a rasgar-se, e os nossos gritos, bêbedas de espuma!... E mil vozes de formas nunca ouvidas, a voz de tudo, tudo, a voz de Pan! E o silêncio, o silêncio... Certos instantes únicos, supremos, em que êle se ouve, o temporal hesita, e um pânico arrepanha as asas tôdas... Como é agudo, agudo, êsse silêncio!... Nas meias-noites de estio... o que eu gostava de despertar no éter melodias, ferindo-lhe o teclado luminoso, numa alma de voo, serenissima... Punha mêdo com o rumor das minhas asas às nuvens que dormiam extasiadas, e auscultava a noite pelo céu, até ouvir a manhã vibrando tôda, quando o ar é uma orquestra miriadaria e os homens dormem nas alcovas mornas...

Estendeu por minutos seculares o seu monólogo patético de velha, essa arenga evocativa de fantasma, lapidando o meu ser com ironias, em que memórias épicas passavam, como o granizo aos pobres em dezembro. Todo o meu senso crítico se foi na rajada feroz dos seus despezos: era uma fúria aguda de vingança, de esfrangalhar essa carcassa oráculo, varar-lhe os olhos com a ponteira da bengala, acabá-la de vez, estrangulá-la. Retorqui-lhe então com a voz dura, pondo raivas de morte nas palavras:

— Sim, sim... Diga ainda mais... o que quiser. Cante à sua vontade, minha amiga! Insulte os homens, ria, desgraçada. Nem me dou ao trabalho de a esmagar. Só lhe pergunto isto, apenas isto: quem a tem aí bem presa na gaiola? A si e a êsse mocho seu vizinho? Ao leopardo, ao lobo, a essas feras? Quem lhe dá por esmola bifes podres, e faz de si o riso das crianças, e a há-de empalhar depois de morta?... Você é uma águia tonta, dementada, que a



escravidão ensandeceu de vez. Melhor, melhor! Assim faz-nos rir mais. Grasnep'rai; rebente a divertir-nos!...

Parei pr'a tomar fôlego, cansado; mas o relêvo imóvel dessa ave, a sua forma heráldica de bronze, alheavam-na tanto desta cólera, do desespêro bêsta em que eu tremia, que me pareceu inútil continuar e me senti um títere grotesco. Era o mais infernal dos casuístas, essa águia impossível de ferir, feita de sombra, emoldurada em sombra, presa nessa gaiola e mais distante que se esgarçasse as asas nas estrelas. Enquanto assim pensava, ei-la que fala:

— Bem certo, sim, bem certo o que me diz! O Homem alastra pela terra como um cancro, pervertendo a vida, corroendo. Reduziu-me a mim, asas e garras, a um animal grotesco de capoeira, meio tonto de dor e de miséria. E as feras!... Exibem-nas nas feiras e nos circos, em gaiolas de ferro, à luz eléctrica, ante o pasmo alvar das multidões, rindo da fôrça mutilada e doente. Cortam as jubas aos leões, abrem-lhes risca,

dão-lhes chicote e bifés, civilizam-nos! E quando os tem nas jaulas, sonolentos, sem fôrça e sem instinto, entorpecidos, com as pupilas de oiro marasmadas, com as garras inúteis já sem preza, acham-se heróicos porque os chicoteiam, mesmo quando êles tremem de sezões, mesmo quando êles morrem de saudade!... Não há amor de asas num rochedo à névoa, que o terror dos homens não errice!... Antes disto, porém, já os adoraram. No Egipto, em tardes de colheita, o voo das íbis riscava no ar do Nilo curvas em que êles viam profecias... E outros como Isis, como Anúbis, sucumbiram no tédio de ser deuses, e depois das pompas rituais, de oferendas, de orações, de sacrificios, são os servos misérrimos do homem, domesticados já, civilizados!

Mutilam as árvores, deformam-nas; exilam certas plantas nas estufas, com saudades do humus e do sol, e trazem na lapela rosas mártires, que abriam de desejo como noivas, à espera do pólen bem-amado! Não entendem o sangue nem a seiva: vão per-



vertendo tudo, corroendo! Até que um dia, não mais florestas, catedrais a Pan! A terra será calva como um sábio, e cordilheiras, montes e ravinas serão assassinadas, cavacadas, p'ra que os homens mobilem os palácios, p'ra que tenham poleiros nas gaiolas... Os areais, as deserteiras ruivas onde o mar espadana e se extasia, terão motores, instalações fabris p'ra utilizar a raiva das marés, em quê, deus-sol?... a enriquecer indústrias... Todo o azul será viuvo de asas, e os filhos das águias e das feras nascerão em gaiolas e em jaulas! Ah! Mas também nada haverá mais triste do que os filhos dos homens, as crianças... A inocência, essa graça animal, de flor e de ave, que êles chamam divina... os imbecis! não mais existirá nos filhos deles, reflectindo nos olhos já doentes, a farça de viver, como nos velhos... Será assim um dia, será assim. Onde irão depois refugiar-se? Nos braços do amor, do amor deles, em que um olhar de mulher lembra um naufrágio, e faz que cada trança, por mais loira, venha a

ser sempre a fôrça de um destino! A terra será a catedral do sofrimento, fim da farça sinistra que êles vivem, a inventar anestésicos e dores!

Certo, o farrapo de penas que hoje sou, é bem obra dos homens. Certo, certo... Mas aqui mesmo, num poleiro reles, garras em côtos, quási paralítica, consola-me pensar que nenhum dêles será nunca o que eu fui, asas e garras, vivendo pr'ó Desejo pelo instinto, e em nomaderias de vertigem, amando tudo, tudo, a terra tôda, na luxúria suprema e inconsciente, de viver, de viver só por viver!

Fêz uma pausa. Tive a visão daquela vida fulgurante, evocada em gritos de delírio, por essa pitonisa de asas longas que cortava com o bico o meu destino.

Foi então que eu ouvi estas palavras, que eram mais que um soluço, que um crocito, uma espécie de guincho em que houve lágrimas.

— Iriam cair nas mãos dos homens os meus filhos!...

Lambeu-me um calefrio de vertigem.

Era demais, meu Deus, era de mais! Não era já o meu orgulho em chaga, envelado como um trapo nessas garras: o que eu agora queria, o que era urgente, era mostrar a essa águia, a essa mãe, que o seu dolorosíssimo terror era uma apreensão de louca, uma injustiça: o que eu agora queria de alma tôda, era mostrar-lhe o coração dos homens p'ra que ela o visse bem e tão patente, como se lhe pendesse a sangrar do bico curvo. Pr'à convencer daria tudo, tudo. Procurava um meio, sem achar. Sentia a inanidade das palavras. Com uma idea súbita falei-lhe:

— Vou abrir-lhe a gaiola. Vai ser livre.

Era decerto o pasmo que a gelava, porque não saiu da treva uma palavra. Eu continuei numa emoção crescente em que vibrava a ânsia de a soltar:

— Vai ser livre, livre como outrora. Acorde as suas asas esquecidas. Diga adeus a essa gaiola imunda. Olhe mesmo daí: que encanto de hora! A noite arqueia ao pêso

das estrêlas... Uma palavra sua e abro-lhe a porta. Não duvide. Sou forte. E' num instante...

O seu recorte altivo de águia em bronze amezendou: fôsse fadiga ou tédio. E num becejo vago, interrogou-me:

— Vai abrir-me a gaiola... mas p'ra quê?...

— P'ra quê?! P'ra que antes de morrer domine o espaço... p'ra sentir a vertigem do infinito...

— Eu?!... repetiu numa fleugma desde-nhosa. Eu?!... Sair dêste poleiro, da gaiola? Não sou doida varrida por emquanto. Sair da minha casa, do confôrto pr'á incerteza da noite, p'rò mistério?... Sou uma águia mas vivi entre homens. Já estou civilizada, meu senhor... E se o vento me arranca as asas velhas? E se chover, e se chover? Já pensou nisso? Nem com as garras enluvadas eu me atrevo... Nem que me cubra as asas de impermeáveis...

Nem com um *water-proof*, nem assim...

A aguia ria, ria doidamente. Crispei as

mãos nos arames, exasperado, e com uma voz enrouquecida fui dizendo, num tom de confissão, quasi febril :

— Imagina talvez que a não entendo, que sou um homem como os outros, imagina...

E' natural... é natural. Não me conhece... Mas eu quero dizer-lhe: oiça ! oiça !

Há em mim um não sei quê de aguia marinha. A sua sorte comove-me, acredite. Quero também dizer-lhe o meu segredo, quero desabafar, contar-lhe tudo...

Bateu as asas com um ruído sêco, e num timbre fatídico de corvo, com uma voz de sibila, crocitante, atirou-me estas palavras derradeiras :

— *Ê cedo, é cedo ainda. Imite os outros. Diga isso ao morrer ao travesseiro.*

Esse sarcasmo último transiu-me; e como quem se agarra ainda à esperança, pus-me a gritar p'rà gaiola, tontamente :

— E' o convívio dos homens que nos perde. O seu destino é irmão do meu, escute... Queria ser forte e belo, queria...

Falei, falei, falei... Não sei que disse.



Sandices e quimeras e desejos, larvas de ideias, raivas, desesperos. Parei por fim.

Já nem lhe via os olhos. Decerto cerrara as pálpebras com tédio. Só o vulto de sombra sôbre a sombra se alongara mais, estava maior. Ouvi então uma sineta banalíssima, a pôr-me fora sêcamente: era já tarde. Olhei ainda a gaiola, despedi-me, atirei-lhe p'ra lá um «adeus» surdo. Ao passar na jaula do leopardo, senti um cheiro mau a carne podre. Vi-lhe o vulto enigmático de esfinge, a cabeça nas patas dianteiras, os olhos de oiro fulvo, fuzilando. Se aquele me falasse, o que diria!... Atravessei o parque silencioso, como numa balada, com terror. Vi nas acácias os pavões adormecidos, olhei o céu filtrado por folhagens onde um langor de outono se esfolhava, e à saída já, p'ra me calmar, molhei as mãos febris numa das taças e passei-as nas fontes consolado.

Achei-me emfim na rua, longe dela.

Um rapaz namorava mesmo em frente, a patrulha descia compassada, disse-me adeus

um côco conhecido : dobrava a esquina um eléctrico apinhado. Tinha ainda no ouvido a voz da águia, quando saiu de uma janela aberta uma ária roufenha de fonógrafo.

Comuniquei feliz com a vida reles. Depois disto, é evidente, não posso mais falar-lhe. Ainda bem! Levava-me ao suicídio essa águia velha.



O PRECOCE

A JOÃO DE BARROS



## O precoce

Desde que o Emilio estava doente, todos os dias, ao anoitecer, se reuniam no seu quarto e assim ficavam algumas horas, numa intimidade meiga, como se dessa cabeça de precoce, unvida de sossêgo, dos seus olhos de adivinho, de um veludo grande e calmo, se exalasse paz, uma paz clara, em que tudo se perdoasse e se esquecesse.

Tinham já lugares marcados. A mãe à cabeceira, logo ao pé a tia Olívia, p'ra contar histórias; os outros em redor, e aos pés da cama, em frente ao doentinho, o busto nobre do tio Eduardo, já grisalho, a sua máscara fina um pouco vaga, como a

de todos os que vivem no silêncio como outrora se vivia num convento. O pequenino era assim uma figurinha de mito familiar, e nas suas palavras lentas, de intuição e de carícia, todos se ouviam como o mar nas conchas. Tinha uma voz de sombra amiga. Adoravam-no. Mas agora, martirisado de dores, a consumir-se dia a dia, as mãozitas transparentes, entravam no terror de o ver pior. E se um móvel estalava, um farrapo de luar batia os vidros, ou ao cair da noite, a sombra vinha,—tremiam no silêncio, tinham medo, como se disfarçadamente a Morte entrasse, viesse de mansinho p'ra gelá-lo.

Às vezes, nas pausas de algum conto ou da conversa, se alguêm se voltava, logo os outros inquietos o seguiam; e era vulgar olharem a porta de soslaio, como se esperassem alguêm, uma visita. . .

Todos falavam em surdina, velando a voz um pouco opressa, e assim as coisas mais banais tinham um não sei quê de estranho; as palavras caíam como fôlhas sêcas e nos

olhos de todos havia uma expressão de adeus. Nem todos, nem todos! A mãe radiava fé. Bastava ver-lhe as mãos correndo a dobra do lençol, de veias altas, entumecidas de ternura, e poisarem numa geada de beijos nas mãos do seu filhinho, para sentir a emoção louca, religiosa, tendo ressurreições em cada gesto, sarando num olhar, numa oração. É que essa creança era a sua própria alma, presa naquele leito como um passarito enfêrmo, abrindo p'ra ela olhos enormes, como p'rá decorar bem, antes de partir; e dizendo de quando em quando: «mamã, minha mamã», num rumor de asa cansada.

Era muito moreno, tinha a testa alta, um pouco bombeada, bôca de lábios finos, mento curto, bosselado em covinhas, que a magreza já quási que delira. Mesmo quando tinha saude, ria pouco; não sabia brincar e qualquer coisa, o mais simples aspecto, o distraía como numa visão inconsciente.

Tinha um ar de quem se lembra. Uma vez foi ao colégio. Voltou com febre, doen-

te, a tremer todo, e quando o pai o interrogou, só pôde dizer «que não era nada, que não tinha nada». Mas à noite, quando a mãe ia a deitá-lo, rompeu a beijar-lhe as mãos, num chôro brusco, e mal pôde pedir entre soluços, de mãos postas, p'ra não voltar... p'ra não voltar mais ao colégio.

— Sossega, meu filhinho. Quem te fêz mal? Que te fizeram? Não voltas mais, não voltas mais. Que te fizeram?...

— Vi bater num menino.

E outra vez o chôro o sufocou, em bagas grossas, torcendo o seu corpinho de arbus-to à ventania. Nessa noite teve febre, delirou, e os pais resolveram que tão cedo não voltava. Pediu então à mãe que o ensinasse. Ao cair das tardes, com a costura no regaço, ela dava-lhe lição, e em pouco tempo, por entre confidências que eram beijos, êle aprendeu maravilhado a ler. O seu amor cresceu ainda, como regado de gratidão. Dizia «mamã» como quem reza.

Adorava-a. Nas tardes de sol, os irmãos brincavam no quintal; chamavam-no, e co-

mo êle era o mais pequeno, faziam-lhe mimos, numa grande ternura protectora. Êle não ia, desculpava-se. Preferia ficar junto dela, na varanda de pedra, a vê-la bordar.

— Não queres brincar, Milinho? Vai, vai brincar com os manos.

Êle erguia os seus olhos de veludo :

— Deixe-me estar ao pé de si, mamã.

Não há nada tão bom p'ra mim.

Raro saíam. Às vezes, com a mãe, ia às tardes à Foz p'ra ver o mar. Voltavam ao anoitecer. Falavam pouco.

— Gostas do mar, Milinho?

— Muito, mamã, muito. É a coisa mais linda que há.

Foi ao voltar de um passeio assim, numa tarde de novembro, que o pequenino teve tosse e cuspiu sangue.

— Que te dói? Dói-te o peito?

— Pouco, mamã. Não se aflija. Não há-de ser nada.

O médico veio, aconselhou cautela, receitou. Teve depois com o pai uma conferência larga. E foi então que o terror abriu



sôbre ela as asas concavas, geladas. Não podia dormir. Levantava-se a cada instante, p'ra ver se estava bem coberto, se tomara o remédio, p'ra senti-lo. A tosse dêle feria-lhe também o peito; transia-a tôda, como um dobre. Vestia-se à tôa, sem cuidado. Tudo o mais lhe era indiferente. Marido, os outros filhos, família, govêrno da casa, visitas, os outros... que lhe importavam agora, se o seu filhinho estava mal?

E extenuada, adormecia às tardes à cabeceira do doentinho, que a olhava a sorrir, muito feliz, como se fôsse um ser de conto. pouco num lindo encantamento. Pouco a pouco, apesar de ninguem o achar melhor, foi-se esvaindo o terror dela, e uma grande loucura, a loucura divina da esperança, galvanizou-a de coragem, deu-lhe fé. Amava-o com tôda a carne e tôda a alma.

O casamento tinha sido, p'rá sua índole delicada de romântica, uma decepção dolorosíssima a que pouco a pouco se adaptara. Não teve crises, não sofreu violentamente. Foi um esperecer lento da ilusão;

todo o seu sentimento que morria como uma planta à sêde ; e ela curvara a cabeça, aceitava a vida que lhe davam, com uma resignação de fraca que se esquece. Teve dois filhos. Criou-os. E uma paz de maternidade um pouco animal, foi-a calmando; o seu passado de sonho estava longe, nas águas mortas da memória ; e ia vivendo assim, anestesiada, sem os sobressaltos de nervos de outros tempos, uma vida normal e clara, no seu lar, entre os seus. Era uma renúncia sem tortura, inconsciente.

Passaram alguns anos, uniformes, que só a doença de um filho ou do marido vinham alvoroçar de longe a longe, e que por fim se sumiam na memória, na mesma cinza neutra, pardamente. Vivia como se fôsse a própria sombra. Já não esperava ter mais filhos. Quando soube que ia ser mãe ainda uma vez, teve a emoção maior da sua vida. Certo, ela foi sempre boa mãe: amava os seus dois filhos muito e muito. Mas agora era diferente, era outra coisa. O que viria era mais, bem mais que os outros: era o

filho dela e do seu *sonho*... Ressuscitou em si mesma: renasceu. O seu sangue resava nas artérias promessas que antes não lhe ouvira, e começou a parecer-lhe que êsse filho era a compensação que Deus lhe dava, quási um milagre, a flor inesperada em que o seu sonho redivivo iria abrir.

A sua vida banal, desencantada, murchando dia a dia, sem interesse, num automatismo frio e resignado, fôra uma provação, tinha passado: e os seus nervos de histérica, despertos, com todo o amor que a vida sufocara, calcado em resignação, morrendo à sêde, renasciam a vibrar de esperança, davam-lhe uma beatitude transcendente.

O seu filho (estava certa que era um filho) seria um pequenino abençoado, com um destino que só ela e Deus sabiam, e no primeiro olhar que êle lhe desse, pressentiria um evangelho novo como um beijo a correr-lhe tôda a alma... Tudo mudou na vida dela, tudo. Mal falava aos filhos, ao marido, que interpretava a estranheza dos seus modos como a mudança de carácter,

os caprichos que muitas mulheres tem naquêle estado. Se a olhavam insistentemente ou lhe faziam perguntas, alusões, isolava-se, desaparecia de repente, como alguêm que vive p'ra um segrêdo e receia que os outros lho desvendem. Parecia mais alta, elanguescida, com grandes olhos sempre a olhar p'ra dentro, como teem certas aves e os mármoreos.

Em solteira, nunca fêz confidências às amigas. Tecia a sua teia no mistério. Todos lhe achavam qualquer coisa de dormente: não compreendiam bem o seu carácter. Mas como era modesta e era boa, esquecida de si mesma e sem vaidade, deixavam-na viver no seu silêncio como um nelumbo de pureza à flor de um lago. Mesmo no seu isolamento da província, onde vivera com os pais até casar, lia pouco e sempre os mesmos livros: vidas de santas, lendas de conventos. Exaltava-se com êles, tinha fé em qualquer coisa que Deus lhe reservava. Durante os serões lentos, costurando, scismava que nascera para freira. Toda a sua ener-

gia, a sua fôrça, abrasava o seu sonho, era interior: e quando batiam à porta da sua alma, ela saía distraída, resignada, a obedecer aos seus passivamente. Esperava contudo *um não sei quê*. O Destino dissera-lhe um segrêdo. E sem contar a ninguêem o que pensava, vivia como uma eleita: estava à espera... Os seus vinte anos em flor eram p'ra êle.

Foi debruçada a esta ogiva de mistério, que a vieram chamar para a casarem. Depois a decepção, o sofrimento: mais tarde a renúncia, a anestesia na sonolência banal dos seus cuidados.

Apesar de não casarem por amor, outra qualquer, no seu lugar, era feliz. Êle era forte, delicado e bom. A sua vida de engenheiro absorvia-o. Quando viu que aquela rapariga, que conhecera na província vaga e meiga, continuava nos seus braços abstraída, com um olhar desencantado e quási triste, compreendeu que fizera mal em ir buscá-la como quem colhe um lindo fruto: erguendo o braço. Tentou então insinuar-se



pouco a pouco, interessá-la nas suas coisas, diverti-la. Por fim resignou-se, desistiu. Como não era um sentimental, um romanesco, e a sua profissão o apaixonava, contentou-se em ter nela uma amizade, um ser de lialdade e de doçura, desdenhando teatros e convívios pela paz transparente do seu lar, e vivendo p'ra êle, para os filhos, e para aquela vida inviolada que desfocava os seus olhos noutros céus... Como porêmtudo mudara agora!

Dia a dia, a exaltação dela ia crescendo. Uma noite mesmo teve febre, e o médico lembrou que p'rà calmar, era melhor uma mudança de ares, uma temporada na aldeia ou à beira-mar. Partiu então p'rò Minho, para a quinta, e como nem o marido nem os filhos podiam nesse tempo acompanhá-la, levou consigo apenas as criadas, dizendo que preferia ficar só na grande paz do campo, a sossegar.

Era na Páscoa. Nessa ressurreição da primavera, ao abrir a janela do seu quarto, aspirou no perfume dos lilases a esperança

que subia com as seivas, vibrando já nas asas migradoras e no pólen que doirava o ar.

Enternecia-a tudo: as relvas novas, ver os rebanhos beberar às tardes quando os montes violáceos se concentram, os pássaros felizes no pomar, e à hora das regas, ao crepúsculo, a alegria das águas borbulhantes, quando as estrelas vem, tudo descansa, pelos atalhos vão chiando carros, e nos paúis, pobres poetas liricos, os sapos piam comovidamente. Nunca sentira tanto a natureza.

E foi nesta atmosfêra de pomar que ela esperou místicamente a hora suprema, querendo sofrer, feliz, extasiada, como uma nuvem alta da manhã que o sol rompesse p'ra descer aos homens...

Davam Trindades. A tia Olívia contara um lindo conto. Ao sair dos palácios de feeria por onde a voz dela o ia levando, o Emílio ficava a olhar as joias, os anéis, a



pedras preciosas esparsas na sua mesa de doente e luzindo em sortilégio, na penumbra. Eram olhos de fadas, encantados...

Não tiveram remédio senão dar-lhos: por quanto tempo, meu Deus, por quanto tempo?... P'rò distrair, há dias, o tio Eduardo tirou os anéis e deu-lhos, e como o viram ficar muito contente, os outros deram-lhe também os que traziam. Mas quando iam nessa noite a despedir-se, êle ficou tão triste ao entregá-los, que o tio Eduardo propôs que lhos deixassem e todos imediatamente consentiram.

— Fica com êles, Milinho, guarda-os, guarda-os.

— Mas não são meus, não quero... Assim, não quero...

— São todos teus, são todos teus, meu filho.

Então em roda todos confirmaram a mentira damor que o alegrava.

Daf por diante, sempre àquela hora, vivia num delírio de gandezas. Mas nesta tarde, ou porque o conto mais o impressionasse,

ou porque estava mais fraco e com mais febre, a excitação do Emilio era maior. Os seus olhos de mago, muito abertos, dois veludos de febre ainda mais negros, maguavam-se fitando as pedrarias, êsse baile de côres e de reflexos que pareciam mais vivos na penumbra, e como se a febre dele os contagiasse, tinham fulgurações de um brilho agudo. Abria, abria os olhos fascinado.

— Que lindo, mamã, veja que lindo!

Toda a sua carita consumida desaparecia no clarão dos olhos, mais pretos que asas de andorinhas, ao tremerem no ar em despedida. Outro sino mais longe deu Trindades, numa voz de prata e de fadiga, como se lhe custasse a vibrar até ao quarto. Todos estavam opressos, sem falar. E êle, erguendo os braços de repente, deixou-os ir cahindo sobre as joias, cobriu-as com as palmas das mãosinhas, puxando-as contra o peito avaramente:

— São todas minhas, não é? São todas minhas...

— Todas, Milinho, disse a mãe transida.

Vergou-se então sôbre elas com esforço, como se fôsse p'ras beijar, branco de cera, e repetiu ainda extasiado:

— É lindo, lindo... lindo. Não dou nenhuma a ninguêm. São todas minhas.

Espalhou-as um pouco sôbre a mesa, pôs de parte os anéis, ficou a olhá-los, e sorrindo à idea que tivera, disse baixinho:

— Vou pô-los nos meus dedos.

Começou a enfiá-los com cuidado nos dedinhos ossudos, só falanges, mas deixava-os cair a cada instante, largos de mais, em fugas de reflexos. Já ia na terceira tentativa, num desespêro mudo, a arfar cansado, quando o tio Eduardo e a mãe o ajudaram. Levantaram-lhe as mãos quentes de febre, e enfiaram-lhe os anéis nos dedos ósseos, que êle ergueu quanto pôde, deslumbrado.

— Mamã! Estavam a dar Trindades. Vou rezar uma avé-maria, vou rezar.

Na penumbra da alcova, de mãos postas, escorrendo em reflexos irisados, a sua

vòsinha disse a avé-maria num timbre muito fino de carícia, como um adeus que punha os olhos rasos, num veludo expirante de palavras, dêsses que tem no outono, a horas mortas, certas folhas de arbusto a despedir-se. Nem o tio Eduardo se conteve. Brilhavam-lhe já lágrimas nos olhos. Ninguém tinha coragem para falar.

A lua, que agora vinha muito cedo, batia na varanda, brancacenta. Ele tirou os anéis devagarinho, como um ser de conto, a sorrir sempre, e deitou-se p'ra baixo fatigado.

— Dê-me as suas mãos, mamã, quero senti-las.

E ficou a beijar-lhas muito calmo. No enleio de uma emoção religiosa, todos queriam quebrar êsse silêncio, feito de sonho e de apreensões de morte, que avançava talvez na luz do luar. Foi o tio Eduardo que falou:

— Esteve hoje um dia lindo, quási quente. Temos à porta a primavera. Dentro em pouco, Milinho, estás mais forte; já podes dar à tarde o teu passeio.

— Logo que possa, mamã, vou ver o mar. Consigo, sim?

— Se Deus quiser, meu filho, havemos de ir. E ainda antes, has-de ir para o quintal brincar com os manos. Sabes que a *tua* árvore, a magnólia, já está cheia de flores muito brancas?

— Ó mamã, mamã, deixe-me ver, — pediu êle erguendo a cabeça de repente.

— Mas vais apanhar frio, meu filhinho. Amanhã, amanhã, agora não.

Tanto insistiu, que o levaram ao colo até à janela, embrulhado em cobertores, muito contente, e ficou assim alguns instantes, a carinha colada contra os vidros, no deslumbramento da magnólia, da *sua* árvore, erguendo o tronco negro e lívido de lua, e nos ramos implorantes e afilados, as flores mais brancas que há na terra.

Deitaram-no. Deviam ser nove horas, pouco mais. E como sempre, levantaram-se todos p'ra partir. Cada um então foi dar-lhe um beijo, e ao apertarem-lhe as mãos — adeus Milinho! — êle olhou-os desta vez mais



devagar, com um olhar que nunca mais lhe viram, em longes de meiguice, de outro mundo, numa névoa de lágrimas contentes. E sorria ao dizer:

— Adeus, adeus. Tio Eduardo, tia Olívia, adeus, adeus...

Essa creança assim, a despedir-se, com uma voz perlada de carícia, encheu-os de aflição e de terror; e foi mordendo os soluços, sufocados, que saíram da alcova, que partiram, ouvindo dentro dêles o crocito — nunca mais! para sempre! *never more!* — dêsse corvo fatídico, de lutos, que Poë revelou em versos trágicos. Qualquer coisa de lindo ia morrer. Qualquer coisa de lindo ia morrer...

No emtanto na alcova, o pequenino, alongava os bracitos para a mãe e dizia feliz, como em segrêdo:

— Que bom, mamã! Que bom estar só consigo! Sente-se aqui depressa, mais pertinho...



— Aqui me tens, Milinho, aqui me tens. E beijava-o na testa longamente.

— Como eu gosto de si, minha mamã! Quem me dera viver sempre ao pé de si!

— Deus há-de-te sarar. Verás, verás...

— Bem sei que lhe faz pena, não se aflija: qualquer dia, mamã, eu vou partir...

— Nem digas isso, meu amor, nem digas isso.

— Vou-me embora, vou, p'ra muito longe... Não faço falta a ninguém. Ficam-lhe os manos. Só lhe deixo a si muitas saudades...

— Se tu gostas de mim, não digas isso.

Ele tornou mais lento, resignado:

— Por sua causa, mamã, queria viver ainda que fôsse assim... sempre doente, sem sair do quarto, ao pé de si, mamã, ao pé de si...

— Agora precisas de dormir, de descansar. Fecha os olhos, Milinho, dorme, dorme...

— Então dê-me as suas mãos. Quero dormir com as minhas mãos nas suas.

Dentro em pouco, serenamente, adormeceu. Ela tirou as mãos devagarinho, aconchegou-lhe a roupa contra os ombros, e afastando-lhe dos olhos o cabelo, deu-lhe um beijo na testa, muito leve.

Já o luar escorria pelos vidros em lágrimas de opala e de mercúrio. A noite vinha ver o seu filhinho e enchê-la de esperança e de coragem. Como o pai disse recolher mais tarde (uma entrevista no *club* p'ra negócios) mandou deitar as criadas, ficou só: esperá-lo-ia ali, junto ao seu filho. Como dormia bem, tão sossegado! Deus era bom, havia de salva-lo. E numa exaltação, quasi feliz, encostou-se à vidraça a olhar a noite.

A magnólia ao luar estava divina. Se o pequenino a visse, o pobresinho! Como êle gostava das árvores, do mar! Não se lembrava de ter visto um luar assim. Fazia-lhe tão bem: calmava-a tôda. Via ao longe, no rio, as mastreações, e distinguia as vêrgas, o velame, a luz dos estais à pôpa, nictitando. Vila-Nova, a casaria, os arvoredos, subiam do outro lado empoalhados, e a névoa que

se erguera pouco a pouco, era já na colina ao luaceiro uma via-láctea nova, avoejante, salpicada de luzes, muitas luzes, como se Deus atirasse com amor, às mãos-cheias de estrêlas sôbre a terra. Tôda a mole granítica da Sé, galvanizada a lua, se animara: corria luar nas veias dessas pedras, morenas do sol de tantos séculos, e tôda a catedral se eterizava como se as gárgulas aladas das cimalthas acordassem p'ra tentar um voo último. A casaria mesmo, estava aborta. Que lindo, meu Deus, como era lindo! Elfos de lua, gnomos, rondas fluidas, andavam no ar com o pólen dos jardins, e as rosas de tocar por sôbre o murc, fechando todo o quintal em trepadeiras, tinham nuances de síncope, esmaiadas. A paisagem era um sonho deslumbrado, numa assunção p'ra Deus, erguendo os caules, e os troncos, as tôrres das igrejas, e os olhos das janelas: de mãos postas. Deus fundira-se em lua, andava esparso, como um filtro de sonho, transcendente, propiciando, amando, perdoando.

Bem certo: o seu filhinho sararia. E nessa maré-cheia de luar, no encantamento sortilégio da noite, a esperança subia a aluciná-la despertando o sonho místico de outrora. Aquella figurinha não mentia: os seus olhos de mago eram proféticos. As suas mãos tocando adivinhavam, como naquela noite, há já três meses, em que uniu, sob a bênção dos seus olhos, as mãos do tio Eduardo e da tia Olívia, no silêncio que em roda se fizera. Assim os dois souberam que se amavam, e ficaram a olhar o pequenino como numa liturgia nupcial... E não tinha sete anos ainda então! Mesmo a sua conversa perturbava, com inflexões de médium, reticentes, em que palavras de sempre, as mais comuns, se engastavam em timbres de mistério. Nascera para amar, o seu filhinho. E tudo, a sua voz de concha meiga, a sua palidez estiolada, os seus olhos de oráculo — criança, diziam bem um ser predestinado, um guiador augusto de destinos, em cuja atmosfera de carícia muita dor havia de acalmar-se, como

um perfume de rosa, a certas horas, nos beija com uma bôca de perdão.

Toda a vida do seu filho ia passando. Descaíam-lhe as pálpebras, ao pêso das quimeras debruçadas. E de repente, estremeceu gelada. Sentiu o luar nas mãos, subiu-lhe aos seios... Se a beleza da noite, transparente, êste aquário em que a lua abria as veias e a vida da terra ia boiando num abandono de ninfeia aberta, fôsse afinal uma cilada d'*Ela*, um disfarce da Morte p'ra roubar-lho!?... Meu Deus, meu Deus! Era possível que ela viesse assim, essa maldita, na feeria argêntea dessa noite, com a fouce escondida em musselinas, silenciário carrasco sem memória, correndo em passos de extase e de opala, e matando com um hálito de gêlo, num aflorar de plumas hesitantes junto do qual um beijo era grosseiro?... Um instante o terror alucinou-a. Não deixaria a lua entrar na alcova! Ia fechar as portadas, e no escuro, colando o corpo contra o seu filhinho, estaria mais segura, a defendê-lo. Num sobressalto, foi até junto



dele, ficou queda. Que imensa paz nessa carinha meiga! Pôs-lhe a polpa dos dedos sôbre a testa. Estava muito suado como sempre. Mas a sua respiração era tão calma, e na concha das pálpebras descidas havia uma doçura tão profunda, que se sentia bem que o seu anjinho estava a sonhar com as fadas de algum conto, onde, como êle às vezes lhe contava, a boa fada tinha a cara dela, e olhava e beijava como ela. Tudo corria bem. P'ra que assustar-se? Os seus nervos, afinal, só os seus nervos! E ao voltar-se de novo para a noite, teve remorsos de ter mêdo dela, de ter desconfiado loucamente que êsse luar de perdão espargelado fôsse um cenário infame de traição, contra aquela flor — a pobresinha! que era seu filho e Deus ia salvar.

Voltou p'ra junto da vidraça, ainda trémula, a sossegar nêsse esplendor silente. O luar avançava sempre e sempre. Já lhe doirava agora os olhos razos, o cabelo, a testa, o corpo todo. E com uma idea súbita rezou. Não podia dizer a quem rezava, se



rezava a Deus ou ao luar... Mas Deus era o luar, era o luar... E agora estava certa, estava certa de que êle vinha p'ra curar o seu filhinho, e envolvê-lo todo p'ra sará-lo como um beijo de Deus a essa criança.

Pôs-se em bicos de pés o mais que pôde, e com um gesto feliz, misterioso, corria os cortinados de mansinho, p'ra que êle chegasse mais depressa junto ao leito, a sorrir e a chorar, tôda contente. Êle vinha, êle entrava sempre e sempre. Estendia-lhe as mãos como a chamál-o, as suas mãos de mãe, de veias altas, que um dilúvio de amor intumescera. Já despertava os móveis, seus amigos, a que ela queria como a confidentes. E doida de feliz, quási riu alto ao ver-se no espelho enluarado. Dizia-lhe baixinho: «entra, entra...» Já a cadeira de braços estava empoada e a trama florida do tapete ressuscitava em gramas sonolentas. Se até vitalizava as coisas mortas! Era Deus, era Deus êste luar... E que sossêgo agora, que sossêgo!... Até a bica do tanque se calara. Havia uma atmosfera de

milagre, o seu sonho de mística era certo. Os seus pressentimentos não mentiram. Era um destino sagrado, o pequenino. Por isso Deus descera no luar: era êle, era êle, estava ali... Isto era bem verdade, era a verdade. Mas então o seu filho estava salvo! E desatou a rir perdidamente, num timbre de histeria muito sêco.

De repente lembrou-se: o luar era Deus: não devia pisál-o, era um pecado... Fugiu então p'rà zona ainda escura, olhou o pequenino adormecido. Pareceu-lhe que sorria extasiado. Sentiu uma alegria semi-louca, um excesso de esperança a sufocál-a. Por fim ajoelhou-se junto ao leito, chamando-o com as mãos, lavada em lágrimas; mas rindo sempre, sempre, a segredar-lhe: «Entra, entra, entra...» Êle vinha, êle vinha, muito fluido, de cada vez mais branco, mais divino. Debruçou-se então, beijou-lhe a orla. Ergueu-se a radiar, transfigurada, com os olhos histéricos mais vítreos e um riso em aro, descobrindo os dentes, numa beatitude arripiada. Foi esperar o luar do outro lado,

as mãos nas grades da cama, à cabeceira. Êle dormia sempre, o pequenino, uma mão escondida no pescoço, a outra sôbre a dobra do lençol. Curvou-se para ver onde o luar vinha. Mal conteve um grito de ventura. Tocava os pés da cama: ia subir!... «Sóbe, sóbe, sóbe» ia dizendo. O seu pobre coração endoidecera: despedaçava-lhe o peito, de feliz. Premiu as fontes com as mãos: «lá vem, lá vem. Bemdito seja Deus, sempre bemdito».

Havia um clarão no *couvre-pieds* agora. Uma larga lágrima, redonda, foi lá rolar como uma grande pérola. Nesse instante ouviu como um gemido. O pequenido mexia-se, acordava. Levou as mãos ao peito, despertou. Mal se viu o veludo dos seus olhos... Quis erguer a cabeça, descaíu-a. A mãe vergou-se sôbre êle: «meu filhinho», pôs-lhe as mãos em carícia sôbre as fontes que um suor muito frio perolava, e ia beijá-lo, quando ouviu três vezes, como um fio de voz, já muito longe: «mamã, mamã, mamã...» E fechou p'ra sempre os seus

olhos febris de grande génio triste depois dessa palavra suprema que era tóda a sua fé.

O luar chegara emfim à cabeceira!

Só quando êle esfriou sob os seus beijos, só quando viu os braços que lhe erguera, para que Deus o visse de mãos postas, implorando-lhe vida, o pequenino! — recaírem inertes sôbre a roupa, compreendeu o crime, o crime imenso.

— Vinha no luar a Morte... no luar...

Voltou-se então num desespero último, p'ró expulsar, p'ró pisar sob os seus pés: depois reanimaria o seu filhinho: dar-lhe-ia a beber todo o seu sangue. Mas ficou paralítica de assombro. O luar alagara todo o quarto: água lustral de lua, alma de lua, no chão, no ar, em tôda a parte... O seu sangue gelava-se nas veias. Não podia lutar, era impossível. Êle invadira a alcova, asfixiara-a. Estava tudo perdido, tudo, tudo... Abriu os braços, hirta, inteiriçada, e caiu ao desamparo, sem sentidos.

# O HOMEM DAS FONTES

A JUSTINO DE MONTALVÃO

THE HISTORY OF THE

Faint, illegible text covering the majority of the page, likely bleed-through from the reverse side of the document.



## O Homem das Fontes

Chama-se Harry Young o homem das fontes. Vi-o a primeira vez em Granada no Paseo de los Tristes, ao pé de uma fonte árabe já morta. É um rapaz alto, de um loiro muito claro, maneiras simples que revelam raça, olhos de névoa calmos e abstractos, e uma voz estranha, monocórdia, ou p'ra dizer melhor, uma voz de água. Nasceu em Londres. É rico. Sem família e sem lar, vive em perpétua viagem. Encontrei-o em Roma, em Constantinopla, em Florença, e, detalhe que me feriu intensamente, desenhando, escrevendo ou só olhando, sempre junto a uma fonte, concentrado,

como se fôsse a caricatura fabulosa que o encantamento de uma ninfa ali prendesse.

Harry Young chegou a obsidiar-me. Nunca porêm, pensei em ir falar-lhe, recorrendo ao impudor tradicional que se tolera sempre aos que viajam.

Uma manhã, em Florença, tive quási a impressão de que era um louco. Cedo ainda, seriam cinco horas da manhã, fui p'ra Piazza dela Signoria encher-me de sadismo este-siante a olhar na Loggia o Perséu de Benevenuto. Tem, como sabem por centenas de gravuras, uma fonte desenhada por Vasári à sombra ameada do Palazzo Vecchio. Caía uma luz melodiosa. Harry desenhava, um caderno de apontamentos na mão fina. Um esbôço da fonte, era evidente.

Àquela hora só havia pombas no silêncio irreal da praça. Discretamente, pus-me a olhar também a fonte. Ao centro, o Neptuno de mármore é boçal; há uma ronda de ninfas alongadas num bronze de *patine* quási azul; os cavalos marinhos saltam na água e os tritões que cercam tôda a taça

tem a alegria de quem vive na água, uma beatitude cínica e animal, espirrando das máscaras de bronze por fossetas de riso, bôcas ébrias, em *verve* muscular, em gestos vivos. Os dorsos luziam de água esparri-nhada, e de estátua p'ra estátua voavam pombas fazendo em roda aquele adágio de asas que à pôpa dos navios, no mar alto, riscam os voos curvos das gaivotas. Não podia saborear aquela paz, com um desejo único a morder-me: ver o que Harry Young desenhava.

Êle fixava a fonte alguns instantes, e antes de transcrever o que colhera, quedava ainda imóvel, recolhido, numa aura de emoção mais do que estética, que me parecia absurda, incompatível com um esbôço num album de viagem. Ao lado, em frente à estátua de Cosme de Médicis, criados sonolentos iam dispendo as mesas nas *terrasses*. Já havia dois cafés abertos onde gente apressada ia beber. Harry, que continuou alheado ainda algum tempo, foi por fim sentar-se a uma *terrasse*, e bebendo um copo de leite

lentamente, tinha o álbum aberto sôbre a mesa dando os últimos retoques ao desenho.

Quem era esta criatura que só o encanto das fontes interessava, e que em Florença, como em Granada, como em Córdova, nunca vi num museu ou numa igreja, como se só o granito ou o mármore das fontes tivessem para os seus olhos estesia? Que sensibilidade aberrante, que destino fadara p'ro convívio enigmático, p'ro segrêdo embalador das fontes, êste rapaz, que não tinha ainda trinta anos, era decerto rico, bem nascido, e nem via mulheres nem paisagens, absorto neste claro misticismo?

Sentei-me numa mesa perto dele e pude ver à vontade o seu desenho. Nem um traço da fonte nessa página onde bem claro, escrito a grandes letras, sob um desenho singular de mulher nua, eu li: *Fonte Adamanti, em Florença.* O quê?! A fonte concebida por Vasári era p'ra Harry Young aquele corpo?... E buscando a relação possível com essa fonte mítica e ingénua,

onde em tórno a um Neptuno gigantesco farandolam ninfas e tritões, ou fôsse sugestão da simpatia que desde que vira Harry eu senti, ou porque de facto ela fôsse um claro simbolo, pareceu-me que essa forma musical, êsse corpo de oceanide surprêsa esperando o tritão que a possuiria, era a síntese poética flagrante da fonte que Vasári imaginou. Corria o risco de me tornar suspeito na ânsia de ver melhor, de analisar. Harry ergueu-se. Vi-o sêguir pela galeria degli Uffizii e desaparecer ao fundo, lentamente, p'ra esse scenario onde se evoca Dante, feito de lindas pontes habitadas, da escultura nobre das colinas e das águas do Arno romanescas.

Depois voltei p'ra Roma, onde encontrara Harry meses antes.

Muitas vezes me lembrava dele, eu que também adoro as fontes, com uma simpatia persistente, cúmplice. Por êsse tempo ia eu às noites degustar o rascante trágico da solidão na Piazza del Popolo, estirado no largo rebordo de alabastro da fonte, fron-



teira ao Pincio, impregnando-me dessa alma sem memória, dessa crónica augusta de silêncio, que é em Roma a atmosfera de magia das praças sem ninguém, com vozes de água. Ficava assim horas numa tristeza quási sensual, com uma espécie de delírio de grandezas que me permitia dialogar com Roma, calmar a minha incerteza de falhado na beleza sobrenatural da grande morta, e fundir com o dela o meu destino como o de um heroi num poema antigo.

P'ra sentir esta luxúria psíquica é preciso ter vivido muito ou ter a velhice precoce dos artistas, que em plena fôrça e plena mocidade, agarrando pelos cabelos a alegria, entristecem ao beijar-lhe os olhos. Era aquela em Roma *a minha hora mais silenciosa*.

Ao centro da praça os quatro leões golfavam água, guardando o obelisco egípcio numa vigília de esfinges, sempiterna. Em Roma, à noite, vivem-se horas de convento. É a cidade suprema p'ra viver com um sonho ou com uma idea, velada por formas



milenárias que recebem exames de consciência. Notei um vulto esguio, à quarta ou quinta noite, sentado aos pés do obelisco, num degrau. Estava na sombra e, nem eu sei porquê, pensei em Harry. Dentro em pouco, na embriaguez dessa auto-sugestão, nem já admitia dúvidas: era Harry, era o *homem das fontes* que ali estava. E como uma raiz fende um granito, brotou da minha solidão de quatro meses, viajando sem sofrer um só convívio, um desejo furioso de falar-lhe.

O lirismo imemorial dêsse silêncio levava-me p'ra aquela criatura, que uma espécie de loucura poética instalara de vez no meu espírito, como p'ra um ser afim, um quasi irmão.

Pareceu-me que êle mesmo se movera, olhara na minha direcção, como esperando. E nessa hipertensão de nervos que dá aos imaginativos o silêncio, o convívio calado e fascinante com as criaturas brancas dos museus, o meu desejo de falar com Harry atingiu a plenitude, exasperou-se. Levantei-

-me. Sem me atrever a caminhar p'ra êle, fui-me tímidamente aproximando: dei a volta ao obelisco devagar e parei com ar distraído junto de Harry, como se olhasse um dos leões golfando água. Fiquei assim nervosamente alguns segundos.

Quando por fim o olhei, vi nessa máscara glabra de tritão um desejo de me falar igual ao meu. Não posso repetir o que lhe disse, as primeiras palavras que trocámos. Aludimos os nossos múltiplos encontros, em Espanha, na Itália, na Turquia, por uma coincidência bem estranha, sempre junto de fontes...

Ninguém passava. Ouvia-se o vento a arrastar no Pincio fôlhas sêcas. Lembrei-lhe a manhã em Florença, na Piazza dela Signoria, o desenho da fonte de Vasári que eu vira na *terrasse* por trás dêle. Harry calava-se surpreendido. Perguntei-lhe se viajava como artista, p'ra pintar.

— Não sou pintor. Gosto muito das fontes, perdidamente. São o grande interesse da minha vida...

Disse-me então o seu amor às fontes, baixando um pouco a voz, quâsi em segrêdo.

Era orfão. Nunca quis conviver com os seus parentes, onde, por razões que depois soube, só encontrou um acolhimento frio, como se fôsse um estranho, sem ternura.

Tinha uns nervos doentios que o isolavam. Dos seus tempos de colégio não guardava saudades mas só ódios, à grosseria vulgar dos camaradas, à promuscuidade forçada e torturante p'ra uma sensibilidade como a sua. Logo que chegou à maioridade, rico e só, foi visitar nos arredores de Londres o castelo em que seus pais viveram. Correu o parque, as salas, as estufas. Viu ainda o seu berço, os seus brinquedos, onde um pó sem saudade ia caindo, como sôbre coisas velhas num museu.

Passou no quarto de sua mãe algumas horas... Sentiu uma tristeza imensa em que tudo lhe parecia hostil: os móveis, o ar, um cheiro a morte, até os olhos fitos dos retratos... O seu primeiro desejo de homem livre fôra essa visita com que tanta

vez sonhara, e saía de lá desamparado, com uma espécie de desespêro inerte que tôda a casa lhe contagiara : a velhice das coisas sem beleza onde viveu alguêm que nos foi querido e que perdem com a côr tôda a memória. Êsses muros sem alma angustiam-no. Já atravessava o parque p'ra sair quando ouviu a chamá-lo uma voz de agua. Era ali perto e pareceu-lhe bem distante, vinda da sua infância já tão longe. Emfim alguêm amigo, acolhedor ! Foi p'ra ela como iria p'ra sua mãe ressuscitada, e ficou a ouvi-la até à noite. Abrira-a o jardineiro emquanto êle percorria as salas. Harry contou-me :

— Tive a visão de um lar naquele instante. Aquela pobre fonte sem beleza consolou-me como uma mãe, beijou-me os olhos.

Acarinhou-me como a irmã... que nunca tive, como a noiva que decerto não terei...

A sua água encheu-me de saudades. E ao pensar nas salas que deixara, tudo me comoveu, ali, a ouvi-la : os olhos dos retratos já me olhavam... os tapetes, os móveis, as paredes, tinham linguagem agora : com-

prendiam-me. As janelas á névoa, eram olhos tão rasos como os meus. E como poisavam pássaros na pedra, êu mesmo fui buscar pão p'ra lhes dar, espalhei muitas migalhas pela fonte... Senti a vida tôda no meu peito. Vem dessa hora o meu amor às fontes.

Harry erguera-se. Seguíamos pelo *Corso* lentamente. Pedi-lhe então que me mostrasse os seus desenhos, os símbolos de fontes que creara.

— Só se quiser vir comigo ao meu hotel.

Já tenho as malas feitas p'ra partir. Vou p'ra Veneza. Veneza é um hospital de águas... Faz-me triste.

O quarto de Harry no hotel de Londres, Piazza d'Espagnia, tinha entre duas janelas um piano. Estavam abertas à noite, que em Roma parece mais arqueada, como p'ra receber melhor as confidências. A tôrre della Trinitá del Monte deu onze horas. Naquela paz não eramos só dois, porque subia da praça, propiciando, a voz da fonte



de Bernini, la *Borcaccia*, a escoar-se sem jactos, brandamente. Harry acendeu as serpentinhas sôbre a mesa. Vi então dois álbuns grandes de viagem, e alguns pequenos mais esguíos.

Começámos a folhear num dos primeiros a imaginosa notação das fontes árabes: de Córdova, de Granada *la vieja*, a terra andaluz de *mors-amor*. A fonte morta do Paseo de los Tristes, onde pela primeira vez eu vira Harry, era um cadáver de almeia; e havia ainda outra de Granada, que eu toquei no jardim de Lindaraja, onde a princesa agarena vive ainda com uma côrte calada de ciprestes...

O desenho de Harry dava-me dela uma visão patética. Evocava-a nova, musical, nesse jardim interior da Alhambra — jaula feérica da luxúria árabe, onde os corpos morenos das almeias elanguesciam nos mármore dos pátios, e nas salas de jóias lapidadas dormiam com os perfumes dos jardins as grandes séstas tórridas, de cópula...

Desenhára o mirador de Lindaraja, com



as suas gelosias marchetadas que ela entreabria um pouco, debruçando-se, como p'ra ouvir melhor a voz da fonte. E a fonte falava de desejo, porque ela tinha nos olhos, nos cabelos, na bôca a entumescer, nas linhas sôfregas, a expressão de uma corola ao cair do pólen... Dos desenhos que vi das fontes turcas, um entre todos me maravilhou: a do sultão Ahmed, em Stambul, no coração da praça do Serralho. É um lindo harêm de grades redoiradas, arabescado de oiro e lápis-lazuli, de que a água é sultana única.

Harry representara Schehèrezade, a noveleira das *Mil noites e uma noite*. Essa era bem um símbolo de fonte, que durante *mil noites e uma noite*, a contar histórias sôbre histórias, adormeceu o califa que a matava se a sua voz lhe não fechase os olhos... Foi um destino de fonte Schehèrezade.

Havia fontes de parques e de claustros: a primeira era uma *Belle au bois dormant* que um pavão heráldico velava; e entre as imagens místicas que vi, apenas lembro uma

carmelitana, lendo sob uma ogiva, côr de cera, decerto Santa Theresa, *Las moradas*. . . A última, porêem, a mais estranha, de não sei que vila romana ao abandono, era uma grande esfinge tumular com asas mortuárias de fálena. Recordo ainda páginas isoladas: a fonte dos cavalos marinhos da vila Borghése era um Pégaso de crinas alagadas, uma cabeça de cavalo grego, dêsses que nos versos de Homero viviam ir-mãmente com os herois. E não sei que fonte mitológica — uma estátua de Juno, sereníssima, a cabeça nimbada de andorinhas.

O outro álbum era de esboços — desenhos e *maquettes*, — toda uma architectura fragmentária p'ra um palácio quimérico da água, num poético parque, inverosímil como o de Poë no *Dominio de Arnheim*.

A maior parte dos desenhos eram vagos, dizendo a embriogenia dêsse templo que Harry erguia à Água Padroeira, com beattitudes de architecto místico, em linhas-versículos de sonho.

Perguntei-lhe se tencionava construí-lo. Harry sorriu.

— Construí-lo e habitá-lo... Com *miss Foutain*... se a encontrar um dia.

O desenho mais minucioso era a fachada, feita de duas arquiteturas sobrepostas: uma estável, de mármore rosados; outra móvel, música, espumante, de milhares de tranças de água de essas fontes, cavadas em motivos decorais no sonoro frontão religioso que viveria um dia tão beijado como as asas do mar no temporal.

É impossível descrever-lhe as linhas, como é impossível descrever a Alhambra. A fachada de mármore era subsidiária da segunda, a real, a litúrgica, a *aquática*; era o seu esqueleto quasi oculto, e por milhares de ranhuras invisíveis, de declives matematicamente calculados, por bôcas inflectindo em curvas gráceis, por biliões de crivos capilares donde cairiam chorões de prata fluida, destinada a dar vazão a essa segunda, architectura sinfónica, hino vivo, que o meu tritão exilado ia criar.

O mármore apparecia, sob a trama architectural da água golfante, como através de rendas de Burano um colo ou uma nuca de mulher, e intumescia às vezes como um seio no bôjo de uma ânfora sveltiissima ou na escultura de uma planta de água.

Oh! que feliz a carne dêsse mármore, escrava de uma fluida architectura, cantada e beijada todo o sempre! Jactos cruzavam-se como na argenteria solar de uma panóplia, caíam numa taça canelada, donde escorriam molemente, em lágrimas, p'ra renascer vivendo noutros sulcos, donde espirravam como flores se esfolham, em graças *platerescas*, em sorrisos.

Contra o sol, as janelas, os balcões, tinham estores de longos fios de água, tamisando a luz pr'ò interior em irisações fantásticas de nave. Mas, como Harry me fêz logo notar, o seu projecto, perfeitamente realizável, era um *ensaio de arquitetura musical*. A euritmia dessas linhas de água, tantas volutas líquidas que eu via no amoroso desenho daquele álbum, não tinham só



um fim arquitetônico, antes eram a consequência imediata, o instrumento de beleza necessário, pr'á ópera da Água revelada por um architecto-músico de génio. Mostrou-me então a *partitura* do palácio. Sentou-se ao piano e tocou-me alguns motivos.

Como toda a gente no hotel dormia, executava em surdina, emocionado. Primeiro o *leit-motiv* da entrada, cantado no peristilo por três fontes, com três taças de prata cada uma. Era a ogiva elegantíssima da entrada (duas curvas angulares de água jorrante em conchas de alabastro quasi ocultas) que acompanhava as três vozes argentinas. Harry chamava-lhe: o *motivo de saudação*.

Depois tocou-me a sinfonia da fachada. E foi então que ouvi a alma transcendente dêsse tristão-poeta desterrado! E Harry dizia, crispando as mãos numa impotência de nervoso, que era impossível mimar sobre um piano a fluidez dionisíaca das frases. Os *graves* e os *agudos* conseguiam-se por diferenças de calibres, indo de uma te-

nuidade capilar até aos cilindros de maior diâmetro, às bocas, divertículos, ampolas, com recôncavos e inflexões previstas, num duplo intuito ornamental e acústico.

A gama das resonâncias era imensa, indo dos acordes dos mármore e alabastros até aos timbres dos metais mais ricos, dos bronzes, pratas fôscas, claros oiros, com espessuras várias nuançando, imbutidos nos mármore da fachada, enriquecida assim com côres de jóia e os tons sobrenaturais de um orgão de água. Oh! essa sinfonia! Reouvi-la e, meu Deus! prazer supremo, ouvi-la e vê-la, se um dia o templo da Água fôsse vida!

Três melodias *fugadas* corriam a fachada sem cessar. A que vibrava ao centro tinha timbres mais finos e mais altos, os jactos erguiam-se mais, implorativos, antes de recaírem em vertigem, nos dois focos de resonância decoral. Era uma prece indefinida e dava ao templo como uma aspiração de agulhas góticas, a expressão decantada, musical, que teem as mãos erguidas das



ogivas. Harry chamava-lhe : *a ânsia de ser nuvem*.

Os outros dois, visualmente, fundiam-se em sinuosidades expressivas, em caprichos de linhas reticentes, e fiando a mesma clara rêde, eram, musicalmente, bem diversos. Harry chamava-lhes : *a alegria de morrer sorrindo: a saudade dos rios, das nascentes*. E os três deliam-se numa polifonia liquescente em que *a ânsia de ser nuvem* tinha o patético de umas mãos erguidas ; *a alegria de morrer sorrindo* lembrava a vida e morte das espumas ; e *a saudade dos rios, das nascentes*, nas conchas e recôncavos de mármore revestidos dos bronzes mais espessos, dizia em acordes quasi cavos o desespêro da água outrora livre, domada e orquestrada sábiamente : a nostalgia do coração das rochas vivas, dos açudes, dos campos cultivados que ela regava a chalar nos sulcos largos.

Nos três lados restantes, a decoração musical era mais simples : baladas de ecos sem memória instilando um esquecimento

de magia. Inútil descrevê-las: impossível. Ante o imprevisto desta arquitectura, Harry compreendendo o meu espanto, mostrou-me, em cadernos atulhados, a notação musical minuciosa, em que as vozes de milhares de fontes tinham sido por êle copiadas, e outras de ensaios que realizara até poder compor a *partitura* dêsse palácio feérico da Água.

O seu esforço agora, a sua obsessão de cada instante, era, estudando a hidráulica e a acústica, chegar a harmonizar a arquitectura, que lhe parecia pouco bela ainda no mármore, com a beleza musical e plástica da arquitetura líquida exterior. Trabalhava com febre, dia e noite.

Mostrou-me ainda detalhes interiores. A *Galeria da Meditação* tinha vitrais historiando os mitos da Água: ao largo da laguna veneziana, o casamento do Doge com o Adriático na galera de sonho o *Bucentauro*; Ophélia louca, o cabelo como um chorão de fios de ouro, apartando com mãos de prata fôscas os canaviais orando à

beira-rio: sereias penteando-se ao luar com medusas nos seios gotejantes...

No chão de pórfiro, um tapete esmaecido de reflexos. E nas paredes nuas, como se pendurasse as telas de algum mestre, Harry cavara duas fontes pequeninas, num tingling lacrimal, beijante, clepsidras a viver fora do tempo... Ali iria meditar e ler.

Era evidente porém que o seu palácio só podia existir no isolamento.

Disse-me então como teria de murá-lo, defendendo-o do vento, concentrando-o. Além das grades balizando o parque, cinco muros de árvores concêntricas, por ordem de alturas decrescente: a grisalha colossal dos eucaliptos, o veludo dos cedros, choupos góticos, ciprestes tutelares, e em vagas meigas, as cabeleiras sôltas dos chorões... E seria num vale agasalhado.

Harry empalidecia de emoção. Detestava viajar, o convívio forçado dos expressos, a promiscuidade dos hotéis, dos restaurantes. Só por as fontes se fizera vagabundo, para as ver, pr'às ouvir assimilando-as, e poder

executar um dia o seu palácio — síntese de tôdas.

O entusiasmo de Harry contagiou-me. É possível que amanhã não seja assim, que dêste plano de architectura musical que antevejo e anteoioço emocionado, no contágio febril que me vem de Harry, me fique a idea de um projecto fruste, de uma alucinação de hiperacústico, com uma forma de loucura poética só como documento, interessante.

O templo da Água é para a vida dêste sensitivo, sob uma forma íntima e discreta, a minúscula visão quási infantil, a creancice lírica encantada em que êste poeta semi-louco e ingénuo tenta exprimir em linguagem de arte, com a architectura e a música por meios, tudo quanto na terra deslumbrou a sua alma de tritão éxul.

Se amanhã analisar êste projecto longe do seu contacto perturbante, talvez eu reconheça a inanidade de todo o seu amorosíssimo trabalho, mas sempre com emoção hei-de admirá-lo, porque teve uma paixão e se lhe entrega, sem nenhuma restricção,

de todo o corpo, e arde nessa febre dia a dia, abandonando tudo, belo e rico, por uma vida nómade, de acaso, que o fará morrer ao desamparo no hotel d'alguma terra onde haja fontes, ainda fiel a essa visão de sempre, sorrindo ao seu palácio em cristais múrmuros...

O palácio da Água!... «Construi-lo e habitá-lo com *miss Fountain* se a encontrar um dia...» Eu cuido ver essa beleza de água tal como vive nas pupilas de Harry. Tem uma voz de água, os olhos de água, uma alma de água, clara, imperturbada, e um desejo, um sensualismo de água, envolvente, fluido, esquecedor, como um nirvana de água inexgotável.

Sem o fermento de nevrose que o desvai-ra, com faculdades criadoras coordenadas, Harry seria talvez um grande músico, um encantador, um mystico dos sons, como fragmentariamente o revelaram as estranhas composições que agora ouvi. Ou, quem sabe! um architecto novo, musical pela assunção das linhas, sem recorrer, vesánico, qui-



mérico, às impossíveis sinfonias da água onde os seus olhos palidos, de névoa, cuidaram descobrir todo o destino.

Ao ouvir-lhe a voz meíga, monocórdia, já começo aqui mesmo a duvidar, e penso no que seria o desespero, a irremissível catástrofe dêste homem, sem família, sem noiva, sem amigos; condenado a um absoluto isolamento por uma sensibilidade hiperaguda, se viesse um dia a convencer-se de que era uma loucura essa chimera onde fechou o futuro a sete chaves.

É certo, é natural que isso suceda. Que sabe êle de hidráulica, de acústica? Nem sequer tem uma educação profissional, e era forçoso, p'ra admitir como exequível êsse plano, que êle fôsse um architecto extraordinario, um músico revelador de novos meios e um engenheiro único, de génio.

E assim mesmo, pois que o drama musical de Wagner é, na sua beleza de vertigem, a mais victoriosa das derrotas, condenando pela voz dêsse homem-deus tentativas quaisquer de fusão de artes, não era mais que



certa, irrevocável, a falência total do sonho de Harry ?

Êsse supremo aro de unidade, fervorosa obsessão de todo o artista, é um prodígio *interior*, não se exterioriza, e só com uma genialidade adivinhante, se realiza por um meio único (literatura, música, pintura) a obra-prima contendo em potencial, englobando em sugestões latentes, domínios que pareciam de outras artes.

Se ao menos pudesse conviver com êle e canalizar tão bellas qualidades p'ra qualquer coisa de viável, de fecundo ! Queria evitar que a sua vida se partisse como uma lufada de vento quebraria aquela architectura em pratas de água, como um sistema arterial de sonho. Mas é esta a primeira noite que falamos e é decerto a última também.

E depois, como poderia desviá-lo, por que paixão substituir esta paixão, êste culto das fontes religioso ? . . .

Lembrei-me então do mar, todo o meu culto. E voltando à sinfonia da fachada, comecei a dizer que um dos motivos—*a ale-*

*gria de morrer sorrindo*—me fizera, ali na paz de Roma, uma saudade imensa do meu mar. Harry fixou-me. Parecia constrangido.

—Gosta muito do mar, não é verdade?

Harry calava-se, interdito. Senti então entrar pelas janelas, como uma onda de silêncio que arrolasse, a paz de Roma prenhes de memórias... A fonte de Bernini ouviu-se mais: dir-se-hia uma voz de ama milenária a acalantar fantasmas com terror...

Ao ver Harry perplexo, hesitante, arrependia-me da pergunta que lhe fiz, mas elle viu com certeza nos meus olhos a minha curiosidade, a minha ância. A sobre-excitação daquêlles instantes, até o facto de eu ser quasi um estranho, a quem se faz mais facilmente confidências do que mesmo a um amigo ou a um conhecido, forçaram-no a falar, violentaram-no.

Respondeu-me com agitação de um modo brusco:

—O mar?!... Não posso suportá-lo, odeio-o, porque foi êle que perdeu os meus...

Compreendo-lhe a beleza, que é divina, mas não o posso ver, atterra-me, detesto-o...

Ainda hesitou. Depois, sem interrupção, *vivendo* as frases :

—Meu pai, que era um homem do povo, viveu doze anos com *éle* e adorava-o. Era piloto. Viajava p'rò Norte quási sempre. Filho de marinheiros, tinha nas veias o amor do mar. Foi de volta da Islândia, a bordo do *Baltic*, que pela primeira vez viu minha mãe. Teria ela então dezassete anos.

Meu pai, ruivo e forte, tinha uma beleza viril, impressionante. Ela, já então órfã, viajava com meu tio, um velho estranho, que só as viagens por mar interessavam. Era bela (tirou uma fotografia da carteira) imensamente bela, não é verdade ?

Tinha uma índole exaltada, romanesca, que o hábito de realizar todos os caprichos levou a um despotismo singular, de perversão nervosa, de histeria, e ao menor obstáculo, com acessos de choro e grandes febres. Meu tio era o tutor, e longe de a reprimir, estimulava-a mais, lisonjeando-a, com

uma adoração de spleenético alcoólico por aquela andorinha semi-louca. Mesmo a bordo, quando começou a amar meu pai, ela ia fazer-lhe confidências, contar-lhe os sobresaltos dos seus nervos, e êle ouvia-a com uma indulgencia de ternura e talvez mesmo com uma ponta de sadismo. Mas não quero aborrecê-lo com detalhes.

Contra a vontade de todos, apenas ajudados por meu tio, cujo spleen se comprazia neste drama, os dois casaram, depois de uma côrte romanesca que alucinara de paixão meu pai. Minha mãe teve uma exigência única, mas que era para êle a mais cruel: *abandonar a vida de bordo para sempre*. Estava tão doido, que a aceitou sem compreender, pálido como se lhe arrancassem toda a alma...

Na véspera do casamento, foi a bordo do *Baltic* despedir-se. Abraçou os companheiros um a um, e andou horas a bordo, como um náufrago, como um cão sem dono, os olhos rasos, a dizer adeus ao seu navio. Tôda essa noite passou-a a errar no pôrto,

Ninguêem diria que aquele vagabundo tinha uma noiva aristocrata, bela e rica, e ia casar já na manhã seguinte.

A caminho da igreja, sentia uma alegria lúgubre, uma felicidade exasperada, como um travo de remorso do mar longe...

Depois veio a vertigem. Durante dois anos, esqueceu o mar, esqueceu tudo nos olhos verdes de minha mãe como num álcool. Viviam um do outro, sem convívio, num castelo dos arredores de Londres, que meu tio, ainda em vida, lhes doou. Havia no amor dele a minha mãe devoções de plebeu por um ser de raça, e o sensualismo de um marinheiro, moço e forte, com longos períodos de abstinência no mar largo, por um corpo de pétala, serpentino, enlaçando com braços e perfumes...

No amor de minha mãe havia bastante de perversão histérica. Sabia como êle evitava falar do mar com uma espécie de pudor religioso. Um dia mesmo êle pediu-lhe de joelhos que não lhe lembrasse a promessa que fizera, que não falasse do mar



diante dele. E a cada instante, em horas íntimas, quando passeavam no parque, nas estufas, nas grandes noites de invernia e chuva, ela aludia em frases reticentes onde adejava o espectro do mar longe. Tinha a volúpia de o martirizar. E quando o via bem amarfanhado, caído como uma coisa ao desamparo, p'ra cima de um estôfo, a mascar raivas, erguia-se mais linda que um *tanagra* e ia beijar-lhe os olhos, dar-lhe a boca, endoidecê-lo de amor e de luxúria.

E viviam assim meses e meses. Nem uma visita. Ninguê. Raro saíam. A vida mundana não interessava minha mãe. Tinha-a vivido febrilmente e esgotou-a com uma precocidade de nervosa, que tudo interessa e aborrece em pouco tempo. Depois, ainda por orgulho. Tendo feito um casamento desigual, não queria humilhar meu pai nem humilhar-se.

Havia nesta vida de desejo de dois sêres tão diferentes e isolados qualquer coisa de feroz, de criminoso. Dois instintos presos por amor, na mesma jaula de oiro, dia e noi-



te... Enervavam-se um ao outro. Enlouqueciam-se.

Tenho em Londres uma fotografia de minha mãe por êsse tempo. Emagrecera. Lembrava um ser patético de Shakespeare. O seu temperamento de histérica requintava, em perversões subtis, quasi em loucuras. Torturava meu pai continuamente, dando-lhe a visão do mar a cada instante, por sugestões que iam atormentá-lo, evitando contudo falar dele, com uma hipocrisia que era mais cruel do que seria uma alusão bem clara. Nas salas havia paisagens de mar por toda a parte... E por cima das mesas, dos sofás, como uma obsessão de crime, sempre e sempre, livros, romances e gravuras, com narrações de mar, sempre com o mar...

Até as músicas que tocava ao piano. Dizia-lhe: anda «ouvir como isto é lindo!» E êle encostado ao piano, junto dela, via os *Lieder* de Schubert já abertos numa página marcada. E lia: *O mar!*...

Depois que eu nasci, a nevrose de mi-

nha mãe, longe de se calmar na maternidade, exasperou-se. Os dias para os dois eram enormes. Passavam horas junto do meu berço, inventando-me encantos, a adorar-me. E como me dizia a velha Jenny, por quem eu soube tudo o que lhe conto, dir-se-ia, naquela solidão envenenada, que cada vez se desejavam mais, se bebiam com olhos mais sedentos, com um amor que era uma espécie de ódio.

Tudo isto passava-se sem gestos, sem levantarem a voz uma só vez.

A virilidade impulsiva de meu pae caía dominada ao ouvir-lhe o andar. O rugeruge dos vestidos dela fazia-lhe um terror voluptuoso. Estirava-se aos pés dela muito tempo a beijar-lhe os sapatos, marasmado...

Os criados achavam-nos estranhos, cada vez mais pálidos, mais magros. Êles mesmos pressentiam — no silêncio augural daquela casa onde os viam enlaçados, de olhos loucos — qualquer coisa de trágico, de mau...

Meu pai, que a bordo fôra sempre sóbrio, bebia agora imenso, embebedava-se. Depois, com a idea do mar cravada nêle, ia esmoer essa obsessão, calado. Viam-no às vezes falar só, baixinho, escondido nas salas afastadas, dizendo por entre dentes, sufocado, coisas de bordô, vozes de comando, com as mãos em porta-voz, olhando o tecto, como se fitasse os mastros, o velame...

Se alguêm o via, disfarçava, com uma expressão de terror quási idiota. Ia endoidecendo pouco a pouco.

Minha mãe sabia tudo, tudo. A pobre Jenny, sobressaltada, ia contar-lhe; pedia-lhes que se distraíssem, viajassem, que fizesse um esforço p'ró salvar. Ela, porém, só tinha curiosidade p'ra saber se meu pai bebia muito, se falava só, o que dizia...

Às vezes vinham cartas dos camaradas, dos portos em que o *Baltic* tocava, falando-lhe de bordo com saudades. Ele lia-as e relia-as muitas vezes. Trazia-as sempre consigo, decorava-as. Mas logo que minha mãe aparecia, mudava de figura, era já outro. O

olhar babava adoração. E se um instante se abandonava nos seus braços, pegava nela ao colo como um doido, levava-a p'rá alcova aos tropeções, sem se importar com os criados, com ninguêem.

Afinal minha mãe gostava disto. Era ela que o enlouquecia pouco a pouco. Cada vez mais, sem falar dele, a proposito das coisas mais triviais, aludia ao mar, com pausas bruscas, em que os ouvidos dele, alucinados, ouviam o rumor, a voz do largo...

Evocado a todos os pretextos, por essa linda torcionária histérica, *êle* acabou por ser uma presença: o Espírito do Mar viveu com êles!... Eram três agora no castelo. Passava o inverno com êles, a seu lado. Vivia nas marinhas das paredes, nos livros e no vento, nos ruídos... E mais e melhor: na alma deles...

Sós, à noite, a ouvir o vento, olhavam-se... E em ambas as bôcas, bem cerradas, cada um lia: «Ouves o mar? É *êle* ..» E depois de suspensos um instante p'rò sentirem correr-lhes a medula, afogavam-se nos

braços um do outro, com uma fúria sensual desesperada. Foi minha mãe que provocou tudo isto, e acabou por se enredar também, por acreditar como êle, contagiada. Numa cama de amor, dois amorosos, partilham as loucuras como os corpos...

O Espirito do Mar estava com êles. Ainda lhe não tinham pronunciado o nome, mas calavam-se muitas vezes para ouvi-lo, conversavam sôbre *êle* por olhares...

Uma noite de inverno—ia a fazer três anos que casaram—recebeu do Norte um telegrama.

Era dum camarada íntimo de bordo. Toda a tripulação o abraçava; mandavam-lhe do *Baltic* saudades... Pareceu-lhe então que o seu navio, o seu pano que tanta vez ferrára, vinha naquela noite de Janeiro, dizer-lhe o ultimo adeus da vida a bordo, das grandes rotas pelos mares de névoa, das veladas na ponte a todo o tempo, dos sons bons depois no seu beliche, pequenino e estreito como um berço... Rolavam-lhe as lagrimas dos olhos.



A Jenny, que andava inquieta e os vigiava, muita vez me contou essa noite ultima.

Chovia imenso. Ela mesma lhes serviu o chá. Meu pai, como de costume, bebeu *gin*. Mas nessa noite foi brutal o que bebeu. Minha mãe, com uns olhos de aura histérica, dava-lhe as mãos a beijar, encorajava-o...

Já tarde, ergueram-se. Jenny foi ajudar a despir-se minha mãe. Êle seguiu devagar pelo corredor e abriu a janela toda à noite negra... Ficou assim algum tempo a olhar o vago, com a cabeça nua, à chuva e ao vento...

Depois, bruscamente, foi pr'ò quarto. Com um tremor de alcoólico nas mãos, foi a um armário de que nunca se servia, e começou a tirar roupas de bordo, atiradas há três anos para ali como coisas inúteis para sempre. Pôs-se então a vesti-las febrilmente: japona de oleado, botas altas, na cabeça o sueste... Como a bordo. Viu-se ao espelho. E ia a sair, quando voltou p'ra trás.

Qualquer coisa lhe faltava. Procurou no armario, procurou... Era a faca de bordo, numa bainha de coiro já puído. Pô-la à cinta e partiu com um andar mais firme, resolutivo, como se a bordo, fôsse fazer um *quarto* em noite má.

Outra vez seguiu pelo corredor, até ao quarto de minha mãe, que o esperava. Sem bater, entrou: parou a olha-la. Tinha os cabelos desfeitos, muito branca, num *robe-de-chambre* que abriu ao vê-lo entrar. E com o colo nu perdeu-se a rir...

«Vaes p'r'ò mar, meu amor? Deixas-me só?...»

*P'r'ò mar! P'r'ò mar!...* Pela primeira vez há já três annos, espantado de se ouvir, da sua voz, repetia o nome sortilego, supremo: «*P'r'ò mar!*» com uma inflexão pueril, quasi idiota.

A lenha crepitava no fogão. Ouvia-se cho-ver cada vez mais.

—«Estás vestido p'ra bordo... Estás já pronto...»

De súbito, ela viu-o demudar-se. Com

uma inflexão rouca, de bêbedo, tornou : «Está mau... está mau... Está um temporal desfeito. Como querias tu que eu me vestisse?» Ela sentiu terror e aproximou-se. «Ouves a chuva?» dizia êle. «Ouves a noite?... Ouves?... Ih! Ih! Que vento! Que maldito!...» Num lindo gesto meteu-se-lhe nos braços, colando-se contra êle, abandonando-se. O *robe-de-chambre* descaía-lhe nos ombros. «O pano incha, o pano incha... Ferrar pano! gritou com voz de comando : Ferrar pano!»—Tomou-lhe o corpo nos braços enovelado. E Jenny, que ao ouvir-lhe a voz correra, ouviu ainda aterrada : «Não aguenta o pano! Cortar cabos!...» Tirou a faca de bordo da cintura, prendeu a bainha nos dentes p'rá arrancar, e cravou-lha no colo até à raiz. Era curva. Dir-se-ia que tinha a inflexão dos seios dela.

.....

Harry contou-me ainda o processo, o julgamento, e como êle no tribunal acusou o Mar... A opinião dos médicos legistas, foi

que êle estava doido irresponsavel. Apesar disso, porém, foi enforcado. A opinião pública, os jornais, eram contra êle.

Harry estava lívido.

—Compreende agora porque odeio o mar.





# SUZE

A PAULO OSÓRIO



## Suze

Oh ! dolce,  
della soglia del lupanare  
mirrar le vergini stelle !

—*La meretrice di Pirgo*—GABRIELE  
D'ANNUNZIO.

Não posso dormir. Como há mais de oito dias não recebi carta da Suze, e a minha absurda vaidade se recusa a crer que ela me esqueça, ponho-me a pensar, com uma perversidade triste, que tenho escrito loucuras a um cadáver.

Na última contava ela com uma coragem simples, como o mais fútil incidente, que ia entrar p'ró hospital p'ra ser operada. Anunciava-me isto, entre um projecto de vestido *gris-taupe*, que iria bem à sua tinta de viçiosa pálida, e uma chuva de detalhes sôbre

a gata, a amar com romance e com luxúria um gato magro do terceiro andar.

Se tivesse sido operada e convalescesse, já decerto me teria mandado um telegrama.

É pois forçoso convencer-me que a minha pobre Suze—«era uma vez» . . .

Repito alto p'ra mim mesmo : está morta, está morta a Suze ! Logo que o disse alto, todo o meu temperamento de actor o acreditou, e em todo o meu ser, essa auto-sugestão ressoou em dobres, agudamente, por essa rapariga de vinte e três anos com quem vivi dois meses.

A morta (é certo, é positivo que morreu) era alta e magra.

Aqui mesmo, no meu quarto, onde certa noite ela tomou chá entre os meus livros, a vejo atirar o chapéu de rendas caras, em que havia heráldicas tulipas, acender com um gesto fino um dos Laferme, correr a mão na testa com o gesto da Duse nas catastrofes supremas, e dar-me fumo e destino e sonho. Aqui mesmo.

Naquele espelho prolongou com um tra-

ço de crayon os olhos vagos, ali palpou as molas do divan, e no *toilette* atou horas depois, *in memoriam*, as fitas de sêda azul que lhe prendiam a camisa nas espaldas...

(Mas assim, não consigo dizer o que ela foi. Preciso calmar a minha febre e começar pelo começo).

Vi-a a primeira vez êste verão, no teatro, e logo a destaquei.

Os seus cabelos de criança escandinava, loiro cendrado e sêda palha em que havia reflexos quasi brancos, tufavam na testa sob o chapéu preto, descaíam à esquerda, subiam à direita recortando a têmpera em ogiva; inverosímeis como raios de um sol de vício, quimicos, absurdos... Só depois me convenci que eram autênticos.

Os olhos eram claros, cinzento de agua em névoa; a máscara alongava-se num focinho sonâmbulo; nariz incorrecto, quasi grosseiro; bôca grande, acolhedora, de commissuras em pontos de interrogação; e o mento perdia-se na nuvem de tule de um



laço, esparso na gola impecavel de um *costume tailleur* azul.

Tinha muito da Sarah em nova: a cabeça de uma madona *quatrocento* em que visse a alma de Montmartre.

Acompanhava-a outra que mal vi, fisdado pelo estranho do seu tipo. Toda a noite, ferozmente, a encarcerei no meu binóculo e ela, exhibindo atitudes de indiferença numa galeria intérmina, nem sequer teve o ar de ver-me.

Aborrecia-se com complacência, olhando sem fitar, cumprindo com resignação esse destino de, sobre uma platea do Pôrto, num barracão de *Folies-Brégeiras*, esfolhar a carícia exangue e lambedora das suas mãos de raça.

No meu grupo faziam-se hipoteses. *Cocotte*? *Cançonetista*? Talvez seja essa que se estreia amanhã.

Todos a achavam imensamente estranha e alguma coisa feia.

Quando à saída ela passou, compondo um ar abstracto e um passo ondeante de ser-

pente-fantasma, excitado e burro, disse não sei que frase escória e ouvi numa voz de sêda que range, esta coisa justa : *imbécile !*

Deixei de ir ao teatro. Achei a vida tôda tão imbecil como eu.

Até que uma manhã Just irrompe no meu quarto e preludia felicíssimo : «Foste um doido em não aparecer». Contou então : o empresário F. apresentára-o, e como eram duas e eu continuava incógnito, apresentou por sua vez o conde C., que ao menos não se arranjava mal.—«A tua, a do conde, chama-se Suzanne. A outra, a minha, é Gaby d'Anjou, é perfeita. Não sei se reparaste : um corpo grego. Ha uns poucos de dias que isto nem parece o Pôrto—».

E partiu num turbilhão de *chance*, dizendo apenas quási à porta, que a Suzanne era finíssima, e se tolerava o conde é porque não via melhor, e porque emfim, o Amieiro o não vestia mal.

Como mesmo escrevendo, estou morto por chegar ao quarto dela, direi já que almoçamos a sós dias depois, e nem sei mes-

mo se comi, porque estendia as mãos em concha aos seus pés magros, p'ròs sentir crispar-se com luxúria ao ranger da sêda em fôlha sêca...

Foi rapido e simples. O meu amigo apresentou-me: o conde é lorpa, eu sou fino, ela é fina e... *voilà!*

Aqui começa a feitiçaria, o encantamento em que essa serpentina bruxa me colheu, polarizando o meu desejo p'rò seu corpo elástico e felino, como se as suas mãos de pianista me corressem na medula, e os seus olhos de névoa me perdessem em hipnose.

De corpo e espírito era flexível como uma chama ao vento.

Horas e horas, com febre, com riso, com desespêro, vasculho na memória, recomponho o complexo encanto dessa rapariga que sabia de cór toda a *Comédia Humana*; tinha um vício pessoal, erudito, arqui-subtil; cínicamente ingenua, ingénuamente cínica; amoral e heroica, e que caminhava p'rò seu leito de *cocotte* com o ar redolente de *Desdemona* na *canção do salgueiro*...

Oh! A sua *canção do salgueiro*, musical e versos de Bruant, como eu a trauteio ainda exasperado:

Les ch' veux frisés,  
Les seins blasés,  
Les reins brisés,  
Les pieds usés.

Pierreuses,  
Trotteuses,  
A's marchent l'soir  
Quand il fait noir  
Sur le trottoir.

Os cabelos impossíveis, abusivos, excessivos, caíam-lhe nos ombros; a *robe empire* era ampla e branca, as mangas vibravam em asas de serafim profissional... Era uma aparição de lenda rociada de água Lubin—orvalho caro...

Quando depois mais de perto a detalhei, achei-lhe um não sei quê de transido, de parado, espécie de kakemono, espécie de bébé enorme, enigmático, aflictivo, como só um

caricaturista-poeta criaria, num instante de emoção e febre, de quimera e riso. Pobre Suze !

Era pálida, pálida, no seu roupão de noite, sem as rosas do *maquillage* que ela tão subtilmente esmaecia. Pobre Suze !

Nenhum pintor portuguez, desde o Grão Vasco, viu para além do real como tu viste, nem como tu transfigurou uma mascara de gesso, patinada a lua, numa obra-prima irradiante.

Tu que eu agora vejo como um mármore de desgraça, arripiado, vestido à toa, sem *maillot* de sêda, sôbre uma mesa misérrima de *morgue*; tu que tens já talvez no ventre aberto o esverdear levíssimo com que a Morte agora te maquilha; tu que depois de tanto te venderes, cada vez eras mais *tu* e mais perfeita,—ninguêem irá junto do teu cadáver pôr-te o coiar da Ordem do Desprêzo que na vida te deu beleza e estilo.

Foste um génio incompreendido, Suze. E' o único ponto de contacto que tiveste com dezenas de idiotas que eu admiro.



Mas não é isto o que me aflige, pois sei bem que se da Morte me ouvisses e se da Morte me falasses, mais uma vez me dirias a tua grande frase, a frase-medalhão, a frase-refrem, que tão sintéticamente define a tua graça, o teu *génio*, o teu vicio, o teu desdem:

—*Tu sais, ça, c'est un détail.*

P'rá Suze, tudo na vida era um *detalhe*.

Ela que se deu a saborear a tantos homens, duvido bem que conhecesse um *ensaiista*, espírito de síntese, à Carlyle, que emquanto eu nesta noite de insomnia a recomponho, com uma saudade sem esperança, friamente medite um grosso tómo, que deveria assim chamar-se: — *A Filosofia de Suze* (livro postumo).

E em sub-título, dum chic transcendente: — *ensaio sôbre a supra-mulher*. Dir-se-ia no futuro: — *isso é um detalhe*, como outrora se disse: — *penso, logo existo*, como hoje se diz: — *o homem é uma ponte p'ró Sôbrehumano*.



Se Eça de Queiroz fôsse ainda vivo, eu que nunca o conheci, havia de apresentar-lhe a Suze, e juro, juro, que a acharia bem mais subtil, bem mais complexa e humanamente fascinante, que o seu extraordinário figurino—Carlos Fradique, dandy e epistológrafo.

Fialho, mais feliz, pôde falar-lhe; viu-lhe gestos que valiam maximas, e ouviu-lhe memórias e anedotas bem mais significativas que parábolas. Mas por mais que insistentemente lho pedisse, nunca escreveu sôbre ela : recusou-se.

Não posso eu, como quem empalha uma asa, amortallar o génio da Suze em frases sabias, articular-lhe em sistema as formas típicas, erguer emfim essa architectura metafisica, que ficaria na névoa das idades, como um farol p'ra sempre...

Não, não posso. Sinto ainda correr-me o corpo todo, em ondas lentas, o afago dos seus cabelos, dos seus dedos, que eram vivos, enervantes como línguas...

E não é assim, a arder em desejo postumo, que eu posso lançá-la à posteridade...

De resto, Suze, que era p'ra ti a posteridade? Um *detalhe*, um *detalhe* apenas...

Mas quero afirmar que nessa frase—que nem sequer p'ra muitos que a beijaram, foi mais que uma ironia sem estílo—se condensa o estoicismo, o galbo heroico, que fêz desta parisiense tão estranha na sua vida de *cocotte* nobilissima, uma neta espiritual de Marco Aurelio.

Foi nobre e foi *cocotte*. Não estranhem.

Viver, p'ra uma mulher, na sociedade de hoje, é quási sempre prostituir-se. Mesmo as que casam, e que casando amavam os maridos, quantas vezes não sofrem sem desejo, um cio incontinente, numa humilhação de prostitutas, até que toda a emoção se lhes estanque e o hábito lhes embote o corpo e o espírito?...

Depois da primeira frase, em que a sêde de amor lhes doira a vida, quantas não reconhecem no convívio que o seu ídolo moral é um canalha, e que o amoroso é só o macho sordido, sem delicadeza, sem ternura — contundente, ferocíssimo, legal...

As outras, são apenas fêmeas brancas presas à canga do lar animalmente, ou semi-loucas resignadas que um catolicismo castrador perdeu, ou índoles lunares de amorosas esperecendo de martírio e tédio. E consciênte ou inconsciêntemente, todas vão afinal prostituir-se. Só a *moeda* diferere: nada mais.

Mas se viver, p'ra uma mulher, é quasi sempre prostituir-se, não o é menos afinal p'ra um homem.

Prostituir-se é deformar, ou anular mesmo, o que em nós há de individual e caracterisante, pela necessidade de captar alguêm, patrão ou mestre, rico ou superior hierarquico, e até mesmo o pobre, que nos dá a ilusão de sermos bons e a consideração hypocrita dos outros.

Cada um de nós, ao entrar na aula ou na officina, no escriptorio ou na repartição, no salão ou na taberna, é posição, é convencional, é um *outro*; ao princípio confrangidamente, através de mil torturas; depois inconsciêntemente: mecanizado, deformado,

quinquilharia andante e cérebro de lixos, contribuindo assim para êsse ideal que nos empala, e os moralistas chamam—solidariedade humana.

Era fácil mostrar como, violentando o temperamento, esta prostituição se repercute até nos gestos, na nossa maneira de andar e de vestir. E isto em todas as classes, porque ninguém é suficientemente forte p'ra se bastar a si mesmo; todos precisam da consideração dos outros, da opinião pública, e vão vivendo sob a garra do preconceito, que os desengonça e deforma, que os raquitiza e anula, como os saltinbancos às crianças.

Quantos resistem íntegros ao regímen penitenciário que é a vida de hoje em sociedade? Alguns pelo isolamento;—bem poucos dos que ficam.

Não riam portanto ao ouvir que a Suze, a minha pobre Suze, foi nobre e foi cocotte. Cocotte, sim. Como nós todos. Porque, em summa, eu sou cocotte, tu és cocotte, êle é cocotte...

Que horas serão? Deve ser quasi madrugada.

Eu bem queria nestas palavras de febre, silhuetar a Suze, ter um pouco de método, monografá-la. Mas não posso, não posso.

Tenho aqui na minha mesa de trabalho o seu retrato, e nem sei como tenho coragem p'ra escrever, como pôsso desviar os olhos da névoa abysmal dos seus, que me transem de irremediável e me enlouquecem de desejo. Desejo absurdo, que o impossível hiperestesia, e me impregnou celula a celula.

Sinto no corpo todo a carícia opiada dos seus dedos, a sua carne sortílega, embruxada; a sua pele afim da minha, e que com ela dialogava em silêncio, nas horas de esgotamento, rememorando sensações agudas, fulgurantes...

Vejo-a, vejo-a!

Passa a teoria das nossas noites (em que os seus tics profissionais me confrangiam) e ela era sempre duma envolvência fluida, de uma estesia de actriz inconsciente, uma



viciosa triste, insaciada, e uma boa e uma pobre rapariga.

De comêço podiam julgá-la artificial, tão estilizada era a sua graça, tanto o seu requinte parecia consciente e erudito, traindo-se em tudo: no andar elástico, no dandismo sóbrio, e até no ruge-ruge da sua voz de alcova e confidência. Mas não: viam-na mal. Ela era assim sem esforço, naturalmente: ela nascera uma obra de arte. E todo o meu trabalho de esta noite me parece o de um doido que quisesse com poeira reconstruir uma obra prima...

Muitas vezes já, aludi ao seu cinismo. Mas entendam-me: cinismo, disse-o o forçado genial de Reading—é a coragem de dizer as coisas como são e não como deviam ser. E a Suze era assim, quando falava a alguém que a compreendia.

Êsses porém, eram raros, muito raros. Com uma intuição divinatória, balzaquiana, a Suze adivinhava às primeiras palavras o seu caso, lisonjeava-lhe os instintos, e assim durante o dia era, conforme o macho em

catequese, canalha ou ducal, obscena ou protocolar.

Um deles, com quem viveu muito tempo, não via na Suze um animal de vício em quintessência, e, estúpido, não lhe sentia a graça esparrinhando génio : era apenas sentimental e jogador.

Outra qualquer, para o prender, fazia comédias românticas, e decerto orientaria o seu comércio por êsse fundo fadista e namorisquento. A Suze não. Parecia-lhe demasiado reles, insuportavelmente folhetim. E foi por o jôgo que o laçou.

Pouco a pouco, por sugestões dominadoras, foi-o convencendo de que ganhava sempre quando cedia passivamente aos seus caprichos, quando lhe dava mais vestidos, mais dinheiro : e em pouco tempo, ela era p'ra êsse jogador supersticioso, um ícone sagrado, tutelar,—Nossa Senhora da Sorte ao seu alcance...

Dominava-o por completo. Se o traía, explicava-lhe com um ar vago e superior... que era para lhe dar *chance*; e todas as

noites o desgraçado vinha implorar da Suze, aninhada num divan, com um pequenino ar de sibila delfica, um pouco de sorte por amor de Deus!...

Teve êste espectáculo hiper-dantesco : os Poderes Constituidos—em cuecas!... Ella os viu, aos redentores da patria: viu como era piloso o sacro onde teem o fogo os oradores: foi caloteada por economistas: sofreu contra a pele fina a camisola de flanela dos guerreiros. Mas o que mais magoou o seu desprezo, foi a secura e a egolatria dos artistas.

P'ra todos a sua arte era perfeita, radiando illusão, hipnotisando.

Mais flexivel que as nuvens são p'ró vento, o seu proteísmo teatral de prostituta mimava a cada um o seu *ideal*...

Ah! Mas como ela ficava, a minha Suze, a sua fadiga nervosa aniquilante, o seu imenso tédio neurasténico, querendo desertar de si, da sua alma e da sua pele enojada, para sempre!...

E caída num estôfo, amarfanhada, era às

vezes triste como uma coisa morta, como uma asa ferida nalgum charco... Curtia assim consigo mesma horas de miseria moral e de exaspêro, sem uma queixa, sem uma lágrima, num orgulho de sózinha, donde só resumava o sofrimento, num gesto, num olhar, numa ironia.

Uma manhã em Lisboa, acabavamos de almoçar no nosso quarto, com a janella aberta p'rá Avenida.

Ela fumava um Laferme, devagar, no prazer subtil de soprar nuvens. E de repente, como a uma lembrança súbita, disse-me isto baixinho, num tom que nunca esquecerei :

—Tu sabes : não gosto de falar da minha vida. Nunca me queixei. Se agora te falo, é porque é p'ra dizer bem... Neste horror, tenho tido dias de uma volupia imensa. Nem sei como te diga. Começo por me sentir doente, exasperada, sem poder mais... Eles veem e eu penso que vou morrer de nojo. Vem um, veem muitos... veem todos... Então, não sei porquê, sin-

to um bem-estar, um gôso doido ; acho prazer a que me humilhem ; parece-me que nasci p'ra isto, que não há destino melhor... e gozo... gozo...

Depois, num riso sêco :

—Sinto a volúpia de um cristão ás feras...

Parou. Eu recebi num beijo o fumo do Laferme, e a Suze concluiu :

—Que importa isto ! E' um *detalhe*...

As outras, as vulgares, bestializavam-se ; passada a crise horrível de adaptação, vendiam beijos, como um mercieiro vende arroz, um advogado eloquência, ou um diplomata uma colonia. A Suze não ; era esculpada em lava : era *alguém*. Prostituta ou espôsa, seria sempre infeliz, seria sempre *ela*, seria sempre só. Pobre Suze !

Alma apolínea, foi esboteada por fadistas que teem o nome em crónicas heróicas ; sofreu-lhes, em noites de orgia besta, o suor e o vomito ; e com uma clarividência trágica, presentiu muita vez os haustos da manhã subindo, a olhar com a pele arrepiada a máscara boçal de algum cliente.



Teve amantes ricos, equipagens, e as suas melhores horas eram quando sózinha, abandonada a si mesma, ouvia numa noite de inverno, como uma confidência, o crepitar da lenha num fogão...

Teve paixões sensuais que a torturaram, foi roubada impunemente muitas vezes, e uma noite em Moscou—cahia neve—velando uma companheira moribunda, sem nada p'ra empenhar e sem recursos, foi pôr no prego, joia grotesquíssima!—a propria dentadura da doente que, Deus louvado, era montada em oiro... Assim puderam comer aquella noite.

E' de estoirar a rir — não lhes parece?...

Sabia de cor toda a *Comédia humana*: viveu toda a comédia humana. Pobre Suze!

Tu ao menos, não precisaste de ser louca p'ra seres santa: ergueste-te sempre corajosa e simples, sem um abatimento ou uma queixa; e através de insultos e torpe-

zas, conservaste puríssima, apolínea, uma alma aberta ao sol como uma rosa !

Quantas vezes, calçada de verniz, tiveste fome, e com teu passo elástico de espectro, nem um só Cireneu topaste que ao estender-te a mão, te não pedisse gôzo...

Tu, Suze, sabias bem toda a piedade humana e como ela é antes... e depois. Se algum príncipe Nekhuladoff tentasse redimir-te, como a tua palidez riria de alto ao pobre místico, a êle que te falava de perdão e arrependimento, quando os teus olhos de névoa viam claro, com um determinismo lúcido, fatal, que a tua vida era assim, irremediável, e nem tinhas ódios nem sêde de justiça, pois bem sabias que é inútil tê-la p'ra morrer à sêde...

Conheceste príncipes, é certo, mas nem um místico : só mais ou menos imbecis... Não te fossem falar do ceu,—a ti que tantos viras de platina na boca de gozadores com avarias.

Por isso não tiveste gritos, não te estorceste : nem sei mesmo se choraste.

Posta em teatro, não farias uivar as galerias nessa paródia de circo tão grotesca que é um quinto acto p'ra burgueses e po-vinho; eras p'ròs *raros apenas* como o ma-toidismo poético da minha terra. Na tua voz de fôlha sêca, dizias de todo o teu cal-vário apenas isto: *é um detalhe*.

Mas para mim, Suze, o teu corpo serper-tino, que ora começa a decompor-se, o teu génio a fagulhar num incêndio múrmuro de elitros è, sobretudo, o supremo encanto da tua dor heróica, sem desfalências e sem quei-xas, para sempre ficarão no meu espírito, como qualquer coisa de belo, de perfeito, pois que correste os bastidores da vida, todo o egoísmo, toda a lama, toda a infâmia, em vítima serena — tão serena como essas que na Grécia iam hirtas de dor entre colunas. . .

E amaste sempre o sol! E amaste sem-pre o sol!

Deixa-me lembrar-te: é a última carta que te escrevo. Desta vez serei since-

ro, porque estás morta, porque a não lerás ..

Espera!... As nossas tardes no Rio Doce, em Leça... Os olhos dos mortos ainda reflectem, ainda *vêem*... Pudesse eu ir arrancar-tos, trazê-los nas mãos com cautela, como dois pássaros mortos, e dar-lhes ainda a beber, pobrezinhos! — sol, mar, areias ruivas, aguas correntes...

Pudesse eu beijar-te os olhos mortos!

Chamava-se *Sol* o nosso barco. Eu levava-o à vara, lentamente. Tiravas o chapéu, estendias-te à pôpa e nem falavas. De quando em quando, ia colar à tua a minha bôca: beijava-te as palpebras de manso.

Parava sob um chorão, à sombra dos seus cabelos verdes. Cingia-te. Poisava a cabeça nos teus seios, que eram lindos, tersos como de virgem. Todo o teu corpo desfalecia, se humilhava no teu vestido de sêda crua como o duma criança adormecida... E era então que eu sentia, que eu palpava, que eu vivia a vida divina do silêncio.

Era mais vago o marulhar da ramaria e fazia mais silêncio, como faz mais silêncio, à noite, o acorde das ondas numa praia...

Sentia-se cair silêncio como se sente cair névoa.

As nossas bôcas colavam-se num beijo húmido, calado, duma volúpia tristíssima, confrangida. Era como uma despedida sem palavras, muito lenta, de dois suicidas...

Eu não te via os olhos, mas adivinhava-os: estavam maiores, mais nevoentos, como janelas deitando p'rò silencio que se cavava em torno, fazendo leito ao nosso pensamento pelo espaço...

E confusamente sentíamos que o tempo passava, passava sempre entre os nossos corpos enlaçados...

Por fim — era à bôca da noite — voltávamos.

Devagarinho, dizias tu, devagarinho...

Eu ia levando o *Sol* na agua mortuária, e à nossa passagem, partiam sempre, iam partindo, pássaros mal adormecidos nos salgueirais das margens, reflectiam-se no rio



em fugas de asas, e era tudo mais triste como se esse vôo fôsse o adeus de tudo...

Quantas vezes te olhei com os olhos rasos! Disfarçava, não queria nunca que mos visses. E de repente, apertava-te os braços, sacudia-te p'ra me aturdir, p'ra espancar a emoção que me afogava numa maré de lágrimas reprêsas.

Queria gritar, queria chamar-te meu amor e... odiava-te. Queria beijar-te as mãos, vestir-te de meiguice, e dizer-te a ância, o sonho doido de viver contigo sem palavras — como as estátuas dos túmulos nas criptas...

Queria bater-te, cuspir-te, demolir-te, como faz um tufão a uma árvore sòzinha, e a puxar-te os cabelos de creança, ir gritando, gritando sempre: prostituta... prostituta...

Hoje tenho remorsos. Mas tu comprehendes, tu bem sabes: era quési loucura.

Não podia perdoar à tua graça ter-se deixado poluir, não podia perdoar ao teu génio a tua derrota, não podia perdoar-te, Suze, que fôsses vítima.

Ah! ter piedade, ter piedade... Mas isso é pouco, muito pouco: é um sentimento consolador só para eunucos. E eu queria amar-te ao sol, Suze, olhando as árvores irmãamente, todo o nosso desejo a escorrer luz...

A noite vinha. Seguíamos enlaçados, e eu cansava-me no esforço imenso de te não magoar... Tu bem sabias, tu bem sabias... Segundo a segundo, o meu martírio pesava o tempo como se uns ponteiros de relógio me ferissem os nervos... Tu bem sabias. Tanto sabias, que por fim me beijavas na testa, quási maternal, e a tua voz de fôlha sêca rangia êste refrem de outono: «Isso passa. É um instante, *é um detalhe*.

Minha pobre Suze, como tu eras justa, como tu adivinhavas, bruxa de vinte ânos, p'ralêm da hora que passa, o nada que virá.

A tua desgraça era suprema, porque tu eras *aquela que não se ilude nunca*.

Ainda assim, penso comigo: quem sabe! quem sabe! Se ela me visse como eu sou,

se eu não fôsse com ela sempre actor, se eu não fôsse o ser falso, o clown scéptico mascarrando com riso o sentimento; se eu não me amordaçasse a cada instante, e tivesse podido ser eu mesmo... Se visses, Suze, a creatura que eu escondo; se soubesses que afinal eu sou bem simples e como eu amo a vida tôda de mãos postas...

Se em vez de analisar, eu me entregasse; se eu esquecesse os livros e os outros e te falasse tão naturalmente como o meu sangue fala nas artérias... Quem sabe!... Talvez, Suze, se eu fôsse o que não viste, o que te fala agora... Porque eu lembro-me, eu lembro-me. Duas horas houve que nós vivemos um no outro, fora do espaço, fora do tempo... Tu bem sabes, tu lembras-te.

Era madrugada. Estávamos deitados.

Todo o meu ser vivia de ti, morria em ti. O nosso desejo ardera, estava morto. Que fadiga a nossa, que fadiga!...

A rua despertava, ouviam-se pregões, o sol luzia nas frinchas: eu tinha a cabeça

contra o teu peito, perdidamente, como contra a esperança, como contra o futuro...

Embebia-me em ti, aspirava o teu corpo, a tua carne, a sua tristeza imensa, a sua saudade de tudo o que não teve, de tudo o que não foi... e juro — que em nenhum jardim, em nenhuma aurora, uma flor com orvalho me ungiu assim de sonho, me fêz assim vibrar no impossível dum amor perfeito.

Levantámo-nos, saímos, e logo a rua, os outros, a vida dos outros, se apossou de mim, me perverteu, me obrigou a mentir, a torcer-me... e eu ri, eu ri imbecilmente, de nós, da nossa vida, è dessas horas em que auscultei contra o teu peito — o impossível de um sonho sempre erguido!...

Pois se esta noite mesmo, ao começar a escrever, ao pensar em ti — na tua morte, Suze! — eu fui palhaço, eu quebrei em esgaras a emoção, e mimei um ar gelado, irónico, impossível, quando queria chorar perdidamente, quando queria beijar os pés ao teu cadáver... É que tinha medo, um medo

horrível de que os outros me vissem, porque p'ra eles é uma torpeza amar-te assim. . .

Eu podia dormir contigo, dar-te dinheiro. . . só não podia amar-te. P'ra todos os crimes há uma indulgência feita de cumplicidade, menos p'ra um crime assim: não tem remissão: é imoral e é grotesco.

É preciso que a dor me abale todo, me fite bem de frente, e me hipnotize o seu olhar de chama, p'ra eu poder dizer como te amava, como te amo.

Perdoa, perdoa. Aqui me tens aos pés do teu cadáver.

Tôda a vida morreu p'ra mim: a seiva gelou nas veias das árvores; o mar que eu amei tanto, não me importa.

A vida agora é êste horror: uma sala de *morgue*, mesas ovais de mármore, cadáveres sem nome, já esquecidos, e entre eles, Suze, o teu cadáver.

Como irás tu p'ra cova? Quem te vestiu? . . . Foram mãos sem carinho, mercenárias.

Vejo-te, digo-te adeus; Suze. . . O teu ca-



dáver transe, empedra de martírio. Pareces mais alta, mais comprida. Não te souberam pentear; deixaram-te o cabelo em desalinho e, não sei porquê, está mais claro, de uma sêda mais pura, mais de infância...

Tens um vestido preto (com que me foste esperar: há quanto tempo?... ) sapatos de verniz, ponteagudos... fivelas de oiro... meias de sêda nos teus artelhos finos de cegonha.

Cruzaram-te de certo as mãos no peito, mas escorregaram, descaíram, e amarelas, outonais, dizem ainda: «é um *detalhe* apenas, um *detalhe*...»

E o que mais me entristece é que tens frio: as mãos da podridão vão-te gelando. Oh! As tuas noites na cova, Suze!...

Abriram-te o ventre no hospital. Suturaram-to à pressa, sem cuidado. Se te tirassem os nervos... Bem sei que é doido, mas que querem?... Ficava assim mais socegado.

É amanhã que te enterram?... Hoje mesmo? Deve ser quási dia, minha Suze.

Deixa beijar-te as mãos geladas, de mansinho, enquanto falo... Assim. A minha febre aquece-tas: verás...

Não te descerro as pálpebras. P'ra quê? Está ainda escuro.

Tens saudades do sol, minha pobrinha?... A última vez, quando almoçámos na praia, ao pé de Leça, olhaste-o tanto que logo pensei que ias morrer... Todo o teu corpo diz adeus ao sol. A mais ninguém.

Família?... Nunca quis saber de ti: contaste-mo sem queixa, simplesmente. Disteste como sempre: *é um detalhe...*

Que fica de ti, Suze? A memória da pele é passageira, e é muito incerto que a tua graça vá dourar uma saudade.

Ninguém irá ao teu entêrro, e ainda bem!

Por tua causa, ninguém se irritará jantando à pressa; ninguém irá, de sobreca-saca e mau humor, fazer-te o necrológio ao cemitério.

Não terás latim grunhido por um clérigo,

nem essa coisa triste e tão grotesca — um cário laico em ar solemne, com fungagá e arenga humanitária.

Vais p'rá cova só, como viveste; e depois de te teres dado a tantos homens, vai parecer-te natural que te amem vermes... Até na morte és discreta, minha Suze, pois nem sequer virás numa gazeta.

Foste perfeita: és perfeita. Amaste a beleza sempre com loucura: nas nuvens, nos *maquereaux*, nas pupilas das jóias, nos crepúsculos...

Ensinaste-me o desprezo sem palavras, a dor sem confidência, feita orgulho. Deixa beijar-te ainda as mãos geladas.

Quem mas dera guardar p'ra sempre, em mármore; suspendê-las como um *ex-voto* à cabeceira, as tuas pobres mãos tão humilhadas, esfolhando eternamente sôbre a vida, o perdão dos que a entendem: — o desprezo.

...Oito horas. Uma, duas... oito. Oito horas! Se eu pudesse dormir!

E agora mesmo, ao enfiar-me na cama

extenuado, eu oiço a voz da Suze, voz de sêda que range, a segredar-me:

— *Mon pauvre ami! Quoi?! Qu'est-ce qui t'attriste? Ma mort?... Mais, tu sais, ça c'est un detail.*

Sim, um *detalhe*... como tudo, terminando no mármore frio de uma *morgue*, ou a uma esquina de rua banalmente. Como tudo.





# O VEIGA.

A RAMIRO MOURÃO.



## O Veiga

É o tipo mais estranho que eu conheço. Que anos terá? Deve ter trinta ou mais. Magríssimo, êsse lúgubre cabide que é o seu corpo, traz enfiadas roupas de outros, muito largas: sobrecasacas, fraks, vestes ricas, esverdeando, já em plena decomposição, e mais vexadas nesse esqueleto curvo de pedinte que numa loja de adelo ou num palhaço.

Decerto o conhecem. Decerto já, cerimonioso e gago, lhes pediu esmola. É um pobre diabo e é doido: o Veiga.

Caricatura das ruas, conselheiral e poética, encontro-o sempre com vagar e ritmo,

num abandono corcova de vadio, que daria dandismo a um diplomata.

Pois bem: é só mendigo. Mas não como nós todos, a uma esquina de rua ou a uma porta banal de ministério, a pedir emprêgo ou noiva rica, dez reis ou participação num monopólio. Não é assim: é outro género, é paradoxal, é único!

Pede para comer, mas não come como nós todos: por comer. É p'ra viver a Vida, a Vida toda! Esperem um instantinho: é extraordinário.

Deixem-me antes contar-lhes como êle era.

O Veiga, quando eu dei por êle, era empregado num cartório. Às dez, todas as manhãs, enfiava com unção manga de alpaca. Assim ficava até às tres, todo curvado, cumprindo religiosamente, riscando o papel selado com uma letra estilada e redondinha, tão correcta e tão banal que faria o desespero de um grafólogo.

Tipo neutro, *nem vou lá, nem faço min-ga*, gozava em todo o tribunal uma simpa-

tia benevolente e desdenhosa. O escrivão, os colegas diziam dele: é um pobre diabo.

Era bem um pobre diabo.

Sofriam os seus nervos destrambilhados com o drama quotidiano do tribunal, êsse espectáculo de miséria em carne viva, explorada pelos outros que viam nela a melhor posta, extra-oficial e lucrativa, o verdadeiro emprêgo.

O Veiga, coitado, não explorava: sofria. Às vezes, copiando interrogatórios, mandados de captura ou de penhora, tinha os olhos rasos, e umas revoltas frustes de nervoso crispavam-lhe as mãos magras na caneta, perturbando em trémulos sem arte o seu lindo e banalíssimo cursivo.

Em muitas dessas prosas rígidas, onde se amortalha em formulas destinos, ia o gráfico da sua emoção romantizada, o patético mapa dos seus nervos.

No cartório, melhor do que nos livros, sem gangas literárias, sem imagens, o Veiga ouviu a maré rouca da desgraça: a sua caneta atenta correu-lhe os sete círculos fa-



tídicos; soube-a de cor, como um folhetim vivo. gritado aos seus ouvidos, que êle recolhia em papel selado a 20\$000 réis por mês.

Naquelas laudas oficiais folheava a vida social como num índice; lia como numa partitura, toda a harmonia humana. E que harmonia, Santo Deus!

Tinha vontade de fugir, de tapar os ouvidos, de se meter sòzinho num buraco. Ali roçou, mais encolhido, aspirações, quimeras ulceradas. Como era um fraco, de uma nervosidade romanesca, sentiu terror: tinha vontade de chorar. Não embotava como os outros num cinismo comodista: cada vez destrambilhava mais.

Claro que não podia ter amigos: era ridículo, era diferente, era um sòzinho. Riam-se dele com benevolência, estendiam-lhe a mão com um ar de obséquio.

Quando se afastava de algum grupo, sob as arcadas conventuais do tribunal, ia afflito, a querer sumir-se, com vontade de morrer, pois bem sabia que se riam dele, das palhetas desafinadas, da gaguez.

Vivia com a mãe e sem mais parentes. Mal chegava a casa, ia esquecer, queimar no braseiro interior essas misérias, e com a luz de tão má lenha, fazia nimbos p'ro seu sonho.

Com que sonhava êle? Com o Amor.

Vira-o nu, reduzido a autos; ouviu-o debater-se bem imundo na camisa-de-fôrças que é a Lei; acotovelou-o no cartório, em todas as formas, da prostituta de viela ao adultério rico; e assim mesmo, persistiu em amar imbecilmente, convencido, — o desgraçado! de não sei que sarcástico destino que o talhara p'ra amoroso, com uma carcassa humilhante de fantoche.

Amou.

Era uma loira muito chromo, filha da loja de miudezas lá da rua. Escreveu-lhe em insónias de delírio, cartas imensas em papel azul. Chamou-lhe tudo e ela respondeu-lhe. Durante umas semanas viu cor de ouro, andava estonteado, como em sonho, suspenso dos fios dessa trança, pairando à altura de um terceiro andar.

E mesmo na saleta do cartório, se o deixavam só alguns instantes, fechava como os místicos os olhos, para forrar as pálpebras com ela, sussurando baixinho devoções.

Que lhe importava agora o tribunal, essa tragédia amorfa, sem estilo, tantas palavras que condensam dramas e que êle por ofício, copiava! Escrevia a pensar nela, envolto em vago, como numa nebulosa redentora, e já não via no papel um mar pautado, em que bóiam cadáveres de destinos, frangalhos de esperanças, vidas podres...

Há muitos dias, o Veiga era quasi um ser de sonho. Dizia à mãe em casa coisas vagas, comia talvez menos, mas radiava.

Tinha grandes cuidados de *toilette*. Mandou brunir o seu antigo frak, que agora sem pêlo era espelhento, e arranjou ainda um côco preto que o magoava pouco na cabeça. P'ra ser em segunda mão, era magnifico. Vendera-lho um colega no cartorio. Andava cheio de felicidade como um ovo. Era uma vontade doida de sorrir, de beijar

as crianças, dar esmolas, de agradecer a Deus o sol e a chuva, e de dizer a todos que era amado.

Tinha ido apreçar um anel de oiro, e fazia economias prodigiosas para lhe dar em breve essa *aliança*. P'ra êle o anel era um símbolo supremo : fundiria p'ra sempre os seus destinos.

Só iria falar-lhe, gritando-lhe da rua o seu amor, quando pudesse levar êsse aro liso, que ela enfiaria olhando-o perturbada, como numa liturgia nupcial.

Chegou o dia. O Veiga nem comeu. Meteu o anel no bôlso, pôs o côco, beijou a mão à mãe comovidíssimo, e partiu rítmico e mudo, mui solemne, como se pisasse a aresta do destino.

Era ainda cedo. Vadiou nas ruas, braços pendentes, lânguido, scismático, a construir projectos de futuro : outra casa melhor e em poucos anos — um lár com ela, imortalmente loira.

Caminhava, alheado, fluctuando, sem olhar, sem perceber aspectos, fumando o seu mo-

nólogo de sonho, sentindo com prazer que a noite vinha.

Parou por fim, cravando olhos de febre nessa varanda do terceiro andar.

Esperou... esperou e ela não vinha!... Há quanto tempo olhava êle a varanda? Há cinco minutos talvez, talvez há uma hora. Perdera a noção do tempo. Não sabia. Súbito moveu-se o transparente... Era ela. Olhou um instante, viu-o, e retirou depois de um modo brusco.

«Coitadinha! Não pode vir agora. Talvez gente de fora... Esperarei»—pensava o Veiga com as pernas a tremer. E esperou, esperou, numa agonia.

Por fim deram dez horas muito fortes, badalando-lhe dentro da cabeça. Ergueu os olhos. Não podia mais. Batia os vidros um luar de opalas fluidas, e ela apareceu na claridade, muito branca, ao mesmo tempo que lhe deu um encontrão um caixeiro ajoitado que passava.

«Foi decerto sem querer», — pensou o Veiga, mas viu-o logo voltar-se a provoca-lo.



«Que tem êle comigo? Que lhe fiz?» E interrogava-se assim ingénuamente, quando o viu fazer sinais p'ró andar dela e apontá-lo a rir, com um ar de troça.

Cessou em torno dele toda a vida. Deixou de ver, deixou de ouvir, ficou imóvel, numa aura de vertigem que o lambia, cara p'ró alto, lívido, inconsciente. O outro então aproximou-se dele, físgou-o pela gola, muito têsso, e com bruscos sacões foi-lhe dizendo :

—Que faz você alí, seu grande lorpa? Não percebeu ainda que o troçaram? As suas cartas trago-as eu aqui, p'rás ler aos meus amigos, p'ra me rir. Você sempre é um ponto de primeira... Você ouve ou não ouve?...

E deu-lhe um sacão último mais forte.

—Não há que ver. É mouco como um muro.

O Veiga olhou-o atónito, sem gestos. Não teve uma palavra. Empedrou todo. Vergava de fraqueza, mal ouvia, e nos olhos de febre, muito abertos, um desencanto imen-

so, emparvecido, um vazio de assombro, semi-louco... Estava em frente do outro sem o ver. Todo o seu corpo magro de humilhado corcovava ainda mais de decepção, como se o esfrangalhasse uma rajada. Parecia esperar uns braços p'ra cair. O outro olhou-o num desprêzo bêsta, e rematou com o punho em murro junto dele :

—Agora rode ! Senão parto-lhe a cara. O Veiga nem buliu. Ficou inerte.

—Não ouviu, seu burro, não ouviu ?

E como êle não tinha um movimento, deu-lhe uma bofetada que o virou. Depois, gozando muito o seu triunfo, encheu-lhe de pontapés o corpo todo, teve-o nas patas enovelado como um trapo, até que farto, resolveu larga-lo, soltando-lhe magnânimo o perdão :

—Já basta. Tomou p'rò seu tabaco...

Havia um luar de espasmo, amorosíssimo, e o imbecil, trepando a rua derreado, abafava os soluços contra o lenço, cerrava a bôca sêca como em trismus, e só tinha uma ância a empurra-lo : ir despertar a

mãe na alcova escura para chorar baixinho junto dela, como em petiz quando o troçavam no collegio.

Só isto poderia consola-lo : ouvir-lhe a voz, palavras de ternura, sentir-lhe as mãos rugosas nos cabelos . . .

Fêz um último esforço, dominou-se. Foi em bicos de pés até ao quarto, e caíu de bruços sôbre a cama, como se fôsse a cova, p'ra acabar, na humilhação suprema de so-vado diante do seu ídolo tão loiro.

Crispou no travesseiro mãos de náufra-go, como na carne de alguém que o acolhesse, um amigo pr'a ouvir-lhe a confidência ; disse coisas baixinho, o nome dela, chorou horas e horas, gemeu alto, diluindo nas lágrimas a angústia, sentindo contra o corpo extenuado a moleza da moinha a consolá-lo.

Por vezes chorou quási com prazer, desdobrou-se, assistiu ao seu martírio, como nas melhores noites de teatro, quando ouvia os quintos actos soluçantes, apertado num lugar das galerias.

Esteve assim de braços muito tempo, amolentado, estúpido, pastoso. Não podia dormir : era impossível. E com um grande esforço, quis erguer-se. Mas doeram-lhe então as pisaduras, e numa raiva fruste de impotente, feriu a paz do quarto com patadas, com rangidos de dentes e com murros, torcendo-se num ódio corrosivo, menos contra o caixeiro que o tosara, que contra êle, Veiga, gago e reles, sempre curvado em cumprimentos torpes, entre troças e adeuses de desprêzo, sem coragem pr'a um murro ou uma insolência.

Seutiu-se trapo, lôdo, coisa imunda. Teve mesmo prazer em deprimir-se ; rolou-se na humilhação quási com gôzo, como outros na glória ou na luxúria, e arrancou do seu misérrimo grotesco, da sua covardia tão cuspi-da, êste consôlo cristão para aureolar-se :

— Sou uma vítima, uma vítima do Amor e do Destino !

Tinha ainda na cara as bofetadas, ouvia ainda a voz boçal do caixeiro-la : « Já basta. Tomou p'rò seu tabaco » ; mas a única rea-

lidade bem tangível, ao sentir-se chorar, assim, de bruços, de côco para a nuca e sobretudo, era esta coisa mágica e inefável : — «Sou uma vítima do Amor, tenho romance !» E com a cara a arder, era um herói.

Já quási madrugada, adormeceu. Acordou-o o sol vindo até êle, e ia voltar-se contra a luz covardemente, p'ra se escoar no sono, p'ra esquecer, quando ouviu passos da mãe que vinha entrando.

Embrulhou-se nos cobertores num gesto brusco, para que ela o não visse por despir; encolheu-se na roupa o mais que pôde, mas ainda assim ficou com os pés de fora, com as botas de elástico enlameadas e o côco amolgado em travesseira.

A mãe entrou no quarto devagar, foi abrir as janelas de mansinho, supondo-o a dormir, bem sossegado, Quando o viu vestido sôbre a cama, com uma palidez desfeita e olheiras fundas, correu p'ra êle, pôs-lhe a mão na testa, e perguntou branca de susto, a tremer toda:



— Que tens tu, meu filho? Estás doente? Porque dormiste assim todo vestido?!...

O Veiga olhou-a lorpa, emburrecido. Não soube que dizer, não quis contar-lhe; e como se a morte da ilusão o acanalhasse, como se viesse de nascer nêle um outro ser, de secura e vaidade, um reles cínico, levantou-se da cama, espreguiçou-se, e sem olhar a mãe, sem a beijar, foi eructando estas mentiras torpes, surpreendido êle mesmo de as ouvir, travando relações com um novo Veiga:

— Que quer?... Nem eu sei já como isto foi. Uma noitada... mulheres... foi um pagode. Carreguei-lhe no vinho. Ora aí tem...

Meteu as mãos nos bolsos do colete, e de pernas abertas, bamboleando-se, vomitou aos puxões o seu programa:

— Isto vai mudar muito de figura. Estou farto de ser burro, vou mudar. De ora avante é outra coisa, é outra vida... Pre-vino-a já. Não tem mais que estranhar...

E apontava-lhe a porta:

— O almoço está pronto? Vamos a isso já. Não quero esperar.

Quási nem gaguejava, o imbecil. Sem as asas-muletas da ilusão, que erguiam êste orango a céus de sonho, êle ficava um tiranete bufo, com um rancor covarde de fallhado, a farejar na sua raiva de impotente, uma vítima, alguêm para expiar. Pasmada, a pobre criatura saiu limpando ao avental os olhos. E começou nessa hora o seu martírio.

### Nova fase do Veiga.

Iniciou-se então no botequim e com o olhar envernizado de genebra, ouvindo as *mayonnaises* de ópera que um sexteto melodramático lhe servia, ia pagando bebidas aos amigos...

Foi um ex-colega, que se alcançara havia meses, p'ra fundar um semanário clandestino, que o apresentou aos rapazes do cavaco. Depois, extorquindo-lhe os cobres

da bebida, empreenderam também o apostolado.

— E o nosso amigo tem... a *ideia*?

O Veiga não a tinha. Forneceram-lha copiosamente, em noites de catequese desvairante. Era agora um iniciado o meu idiota. As necessidades que os outros lhe gosmavam, como uma bíblia obscena de revolta, acolhia-as o Veiga com fervor: o caixeiro agora era o *burguês*, e o seu ídolo loiro o *preconceito*!

Perdia as noites num delírio gago, a proclamar no botequim o *amor livre*. Faltava ao cartório muitas vezes. Inconscientemente, como rezava com devoção até há pouco, absorvia brochuras anarquistas, e tinha à cabeceira, como uma espécie de *Flos sanctorum* laico, um agiológio patético, ilustrado, com um Ravachol de auréola, hiper-cristo, e os mártires de Chicago nimbados.

Recolhia de madrugada ou noite morta. Nem já tinha horas certas de comer. Alimentava-se de pastéis e álcool. Só ia a casa para insultar a mãe e p'ra dormir.

Mal lhe dava dinheiro p'ra comer. A pobre criatura envelhecia anos cada dia. Por fim já nem falava: tinha por êle uma espécie de terror. Ouvia-o arengar coisas tremendas: a revindita social a dinamite, o «ódio ao burguês», trapos de frases feitas que êle moía e remoía muitas vezes, numa espécie de automatismo cerebral.

— Porque, fique-o sabendo, Deus é o crime. . . o crime, sim senhor, digo-lho eu. . . Hei-de dar que falar. Verá, verá. . .

— Não hei-de ver, meu filho, que eu não tardo. . . Deus há-de me levar. É grande esmola. . .

E lá ia a chorar muito baixinho.

Com as noites de álcool e vadiagem, numa exaltação agudíssima e imbecil, a loucura do Veiga emparedou-o.

Não podia dormir o meu fantoche. E depois das palestras de café, em que os outros disparavam burramente trechos de artigos de fundo e anedotas, vagueava monologando, em falla-só, repetindo na excitação da bebedeira as escórias que mais o impres-

sionaram, e o que era pior, suggestionando-se, desdobrando-se num Veiga que ameaçava, e noutro que o terror lambia todo.

A Sociedade, a Religião, o Estado, eram os inimigos do meu títere.

Ao recolher a casa, noite morta, tomava precauções, dava mais voltas, e era em suores de angústia, em calefrios, que dobrava, na névoa, cada esquina.

Andavam a preparar-lhe uma cilada... Quâsi tinha terror do novo ser que se instalara nêle, inquietante, atulhado de fluído de revolta, como uma garrafa de Leyde subversiva.

Certo, êle não fizera nada, era um pobre diabo inofensivo, mas vivia agora o *outro* dentro dele, como uma mina de dinamite, subterrânea, que a Ordem poderia farejar... E entrou a ter medo da polícia.

Ao recolher, logo que via um guarda, nem sequer dissimulava o seu terror, rodava nos calcanhares, voltava logo, de uma forma tão flagrante e tão grotesca, que se fazia notar ao mais boçal.



Às vezes esperava o sol, porque de dia não *lhes* tinha medo, e era na luz lial da madrugada que se esgueirava p'ra casa, rente às portas.

Uma noite em que bebera mais, desengonçou-se em tão cómicos tregeitos ante o primeiro guarda que avistou, que o santo homem resolveu deitar-lhe a luva, e regenerá-lo com parasitas no Aljube.

Lá passou o resto da noite, sem falar, meio sonâmbulo de mêdo e de genebra, e a única impressão nítida que teve, foi a de ouvir, pouco antes de o soltarem, um fado soluçado como nunca, por um gatuno que dormira ao lado dele:

Já que eu te não dou o pão,  
dá-te nua a quem to der ;  
mas guarda-me o coração,  
a alma que ninguém quer.

Foi por êste tempo, que êle fez parte do grupo dramático *Luz e Esperança*. Gago e solene, estava a calhar p'ra *conde* e p'ra *pai nobre*.

Teve triunfos colossais nos arredores. Declamava às noites pelas ruas, corrigia nos espelhos das vitrines a expressão dramática da tromba, e muita vez contrascenou com os candieiros, à hora espectral dos arredores... Fazia, é claro, teatro de combate, peças de intuitos sociais, dramas de tese, e como todos os colegas lá na *troupe*, considerava-se um *actor-apóstolo*. Recolhia cada vez mais tarde, trespassado de frio e de patético.

Uma manhã, chegando ao patamar, procurava a chave pelos bolsos, quando viu um vulto enrodilhado contra a porta. Estacou, varado de terror. O seu primeiro movimento foi de fuga. Quem seria?!... A mãe não,—dormia àquela hora. Mas, olhando melhor, viu que era ela... Estremeceu. Meu Deus! Estaria morta?... Não, não: adormecera ali. P'ra quê?... Não podia perceber.

—Deu-lhe talvez alguma coisa... Coitadinha!

Sacudiu-a de manso, despertou-a. Pela

primeira vez há muito tempo, teve um gesto de filho, de piedade: ajudou-a com ternura a levantar-se. A pobre criatura erguia uma cara de espanto, de terror. Vê-lo outra vez meigo p'ra ela como dantes, inquietava-a mais que ouvir-lhe insultos. E ali no pata-mar, sem gestos, fitaram-se, como dois naufragos, segundos. Não se viam já há muitos dias...

A expressão da cara dela ia mudando à medida que o fitava: — *era o seu filho!* Aquele rapaz cheio de rugas como um velho, com um tremor nas mãos, no corpo todo, aquele pobrezinho — *era o seu filho!*...

Sempre a olhá-lo, ergueu as mãos que tanto o abençoaram; a sua máscara desfeita iluminou-se, tanto a piedade ardia dentro dela; e com uma voz de misericórdia e de carícia, pôde ainda dizer-lhe:

— Ó meu filhinho!...

E caíu-lhe, toda em lágrimas, no peito. Entraram abraçados pelo quarto. Lá estava a cama aberta, a dobra feita — como uma carícia dela a recebê-lo... Através das frin-

chas das portadas, a manhã estava a sorrir no travesseiro...

Então na alma dêste trapo humano o remorso dobrou como um mau sino, fazendo-lhe vêr quanto de bom era possível : a vida antiga com a mãe, a vida calma... Sentia bem que fôra torpe para ela ; viu-a com a cova ao lado p'ra tragá-la : e numa lufada de desespero ajoelhou com lágrimas rolando quatro a quatro ; gaguejou como uma creança a quem bateram :

— Ó mãesinha... ó minha mãe... perdão...

Ficou assim alguns instantes ; levantou-se. Ainda outra vez fltaram-se nos olhos — como se um deles acabasse de chegar, com uma sacola de dor, de muito longe... E agora, entre lágrimas, sorriam. Êle pôz-se a dizer-lhe muito baixo :

— Juro por Deus, minha mãe, juro por si, que ainda a hei-de fazer muito feliz... Hei-de pagar-lhe com amor, com muito amor, os meses de martírio que lhe dei. Verá, verá. Vou ser outra vez o seu filho, vou ser outro...

— Sim, sim, meu filho, tu és bom. Deus trouxe-te outra vez. Pedi-lho muito. Eram as más companhias... os malvados... Por pouco te matavam, meu filhinho. Matavam-nos a ambos, Manoel. A tua mãe já não podia mais. E tu... e tu... estás tão magrinho!...

— Hoje começa vida nova. Não se aflija. Hei-de ser forte outra vez, vou trabalhar...

Interrompeu-se de repente, como se uma ideia de terror viesse gelá-lo. A mãe, sem compreender, continuava :

— Trabalhar... ora ahi está, é o que é preciso. Foi por isso que te esperei deitada à porta, com mêdo que entrasses e saís-ses sem te eu ver — como nos últimos dias sucedera... E eu, pobre de mim, que tinha mêdo, não sabia como to havia de dizer!... E afinal tu mesmo o reconheces. Louvado Deus! Tudo é pelo melhor. Ora vê tu — mas que cabeça a minha! — pus-me p'raqui a falar e nem to disse... Esta tarde, o senhor Sousa esteve cá...

— Quem ?



— O snr. Sousa escrivão... êle... o teu chefe.

— Ah! disse o Veiga e pôs-se cor de cal. A mãe, sem reparar, dizia sempre :

— Devo-lhe muito, é muito nosso amigo. Que outro no seu lugar — tu bem o sabes — tinha-te pôsto fora do emprêgo. Mas êle não. Só quer que tu te emendes. Diz que te espera hoje sem falta, às dez em ponto. Verás, Manoel, tudo se arranja bem...

Êle olhava-a com os beiços a tremer :

— Estás contente com isto? An! Manoel?...

— Não, minha mãe, não volto ao tribunal. Não posso mais... não posso mais lá ir...

— Ora essa, meu filho, tu que dizes?!...

— Não, minha mãe, não posso mais lá ir...

Por mais que perguntasse, que insistisse, sempre a mesma resposta em voz sumida, como a última decisão de um agonisante :

— Não posso... não posso... É-me impossível...

E de repente, chegando-se p'ra ela como

um petiz com terror, pôs-se a dizer baixinho :

— Quem sabe se não é uma cilada... O Sousa quiere-me lá p'ra me prender... Sabe que sou um anarquista... quiere vingar-se...

Continuou neste tom ainda algum tempo. Ouvindo-o sem poder interrompê-lo, com o coração a desfazer-lhe o peito, a mãe era forçada a perceber que aquele desgraçado que ali tinha, guardado nos seus braços outra vez, precisava mais de si que em pequenino, porque Deus lhe tirara o entendimento.

Quando êle lhe contava as suas noites, como nã rua a polícia o perseguia, o que havia na nèvoa, a certas horas, — interrompeu-se bruscamente e ainda mais baixo, transido de pavor, colado a ela, pediu-lhe que fôsse vêr ao patamar... tinha ouvido passos... era alguêm... Para o tranquilizar, ela fechou a porta à chave, com os olhos rasos, a conter-se, e pôs-se então a ver se o adormecia.

— O que precisas, Manoel, é de dormir, tens mesmo os teus olhos a fechar-se...

Ele não queria dormir. Era impossível. Podia vir o Sousa... alguém prendê-lo... Só se ela ficasse ao lado, de vigia.

— Eu fico, eu fico ao pé de ti. Sossega.

Despiu-o então como em pequeno. Tira-va-lhe a roupa devagar, ia-o beijando com meiguice, em despedida: e deitou-o por fim sem resistência, como se fôsse uma criança sonolenta. Aconchegou-lhe o cobertor bem contra os hombros — tão magrinho, Senhor, um esqueleto! — e à beira da cama, de joelhos, sentindo-o adormecer, ia dizendo:

— Dorme, meu filho. Dorme... dorme... dorme...

Quando o sentiu adormecido, ergueu-se.

— E agora?!... perguntou no quarto escuro. O filho doido... a morte em torno dela... e ninguém, ninguém que lhe valesse...

Lá fora a manhã subia, com pregões. Mas neste quarto, para a pobre velha, o silêncio era doloroso como um uivo.

Meses depois, encontrei-o uma manhã em Nevogilde, sob um grande castanheiro a desfolhar-se.

Intrigou-me ver o Veiga em pleno campo, saturando-se de outono e solidão. Que podia fazer ali aquele idiota?

Mas quando me aproximei e o vi de perto, espantou-me a mudança que fizera. Era outro: era um pedinte louco, de olhos meigos...

Parei a olhá-lo. Êle cumprimentou-me com maneiras untuosas de prelado... E ficou a sorrir, chapéu na mão, como à espera de que eu fosse falar-lhe.

— Linda manhã, senhor Veiga, não é verdade?

— Diz Vossa Excelência muito bem... Está linda.

— Então mora por aqui — por Nevogilde?

— Não, senhor... Eu não tenho casa. Gosto disto... aqui. Ha campo e mar...

— Não tem casa!... Desculpe esta pergunta: e onde dorme o senhor?...

Esteve um pedaço a fitar-me, olhos em olhos. Depois — em confidência misteriosa:

— A Vossa Excelência sempre o digo. Eu nunca durmo...

— An?!...

— Eu nunca durmo. Não tenho tempo p'ra dormir. Quero viver! viver!... Não posso perder nem uma manhã nem uma noite. A gente sabe lá quando tem de deixar isto... Sabe-o Deus! Eu já perdi muito. Tenho remorsos. Quando penso nisso... tenho remorsos... Quando eu era empregado, passava dias inteiros sem olhar p'rò céu. Só via gente e ruas... E as noites... também as perdia. Ia p'ròs teatros, p'ròs cafés. Foi só depois — quando morreu a minha mãe — que eu compreendi que ia mal... e resolvi *viver*. Passei dias de desespero, a pensar que não gostei dela como devia... que a não acarinhei... que a deixei ficar sózinha muitas vezes... Ia dando comigo em doido. Depois lembrei-me — que o que me sucedeu com a minha mãe me podia suceder com a vida to-



da. E mudei de rumo... Deixei o emprego. Fiquei assim... pus-me a viver. Agora, se adormeço num banco uma hora ou duas, zango-me comigo...

Por muito tempo, em palavras de gago, bipartidas, sussurrou as razões da sua vida, a sua exegese moral de vagabundo, a sua felicidade e... os seus recursos.

Tinha amigos, pessoas que o conheceram noutro tempo, *antes de êle saber o que era a vida...* E quando precisava de dinheiro (êle afinal de pouco precisava: nutria-se de frutos e de pão) era muito raro recusarem-lho: só se de todo em todo não podiam.

Notou que eu lhe fixava a andaina rôta e sorriu com meiguice desdenhosa:

— Ando assim... todo rôto. Que me importa! E podia andar bem... isso podia. Muitas pessoas me teem dado roupa. Até fatos inteiros... e em bom uso. Pode V. Ex.<sup>a</sup> acreditar. Mas às vezes, de noite, pelas ruas, veem ter comigo às escondidas da polícia, desgraçados com fome... todos

rotos... E por boas maneiras ou à fôrça, tenho de trocar a minha roupa pela deles...

— Imaginam, coitados, que me roubam... Que pode isso fazer-me!... Que me importa!...

Teve uma expressão de piedade em toda a máscara, e gaguejou com outra voz, comovidíssimo:

— Tenho tanta pena deles... tanta... tanta... de todos os que foram como eu.... No fundo... é mais triste que a fome e que a miséria... ver como andam na vida *sem viver*... V. Ex.<sup>a</sup> perdõe o que eu lhe digo...

Assim, nessa manhã de outono, eu conheci um outro Veiga—o que me interessa.

Perguntei-lhe, almofadando a oferta, se precisava algum dinheiro. Recusou. Tinha já almoçado há algumas horas... Mas como eu insistia, tirou do bôlso uma mãocheia de migalhas, e mostrou-mas como um último argumento:

— Ficou-me ainda isto... pr'òs pardais...

Depois, com um gesto lento, precioso,

em que as taras do amador dramático automaticamente se traíam, tirou do outro bolso muitas pétalas, e ofereceu-me algumas:

— Faz... favor. São de uma roseira que o vento desfolhou...

Ficou curvado a aspirá-las uns segundos:

— Certas manhãs de outono... os perfumes dão vontade de chorar...

Datam daqui as nossas relações. Cultivo nêle com estima, com ternura, o único panteísta que eu conheço. E tal qual o vêem pelas ruas, êste pobre mendigo alienado anda «bêbedo de Deus», como Spinoza.

Encontrei-o ontem à noite: conversámos. E as poucas palavras que me disse, cravaram garra em mim: não as esqueço. Êle anda agora esquelético, a cair: o seu boemianismo panteísta tomou uma forma aguda, convulsiva: é uma espécie de delírio ambulatório.

Como eu aludia ao seu cansaço, pedindo-lhe que não andasse dia e noite nessa lufa em que agora o via sempre, êle, que era

mais meigo de que um cão, deitou-me bruscamente as mãos aos braços, e com uma indizível voz de raiva e súplica:

— Por o amor de Deus... não diga isso! Olhe que eu não duro muito. Eu sei... eu sei... E tenho fome... fome de adorar... Eu quero como a um filho, à terra toda...

E falou-me das árvores, do mar.

Disse-me que queria acompanhar a Noite, sem perder um segundo, um só segundo, caminhando com ela, caminhando; — e logo, logo ao despedir-se dela, abrir bem os seus olhos, bem abertos, ao primeiro araiar da madrugada... E seguir depois o sol até à morte, êle e a sua sombra que era triste — como se fôsse já uma saudade...

Era num jardim público, deserto. Caíam dos plátanos folhas sêcas... Êle baixou-se, apanhou algumas com cuidado, como se fôsem borboletas estonteadas...

— Veja V. Ex<sup>a</sup>... veja... Como estão encarquilhadas... tão sequinhas! A minha hora chegou como a hora delas...

E como o vento as fazia redemoinhar, estremeceu e disse bruscamente:

— Passe Vossa Excelência muito bem... Queira perdoar... Não posso perder tempo...

É o amante da terra o meu pedinte; não tem tempo p'rá amar, por isso sofre; sente que ela lhe foge a cada instante, e não quer adormecer p'rá sentir sempre, contra o seu corpo de fantoche-mártir, com sobrecasacas doutros, fraques doutros, por cujos rasgões entra o sol ao luzir dalva, até que a noite por sua vez se engolfe nêles, correndo-lhe a carne de miséria, sensitiva, e amando-o sem nojo horas e horas...

A Morte, quando vier, vai comover-se, ouvindo-lhe na gaguez frêmitos de asas, vendo-lhe abrir os braços de esqueleto como p'ra agasalhar a vida toda, e oferecer-lhe nas mãos roxas e ósseas — pétalas murchas e folhagens sêcas...

Não pode durar muito: é impossível.

Mas nas pedras da rua onde morrer, terá em tórno dele a despedir-se, o Mar, as Ár-



vores, a Aurora, toda a vida da terra — sua amante. . .

Apercebia com uma acuidade visionária a orquestração da noite, dita em surdina nas janelas, nas folhagens, e decompunha essa penumbra de ruídos, complexíssima, a que chamamos vulgarmente as «horas mortas».

Quási madrugada, em Dezembro, recolhia eu estugando o passo, porque fazia uma névoa frigidíssima, quando o cruzei numa ruela íngreme. Levei a mão ao chapéu e fui andando, mas instantes depois êle atracou-me, a tiritar de frio, soleníssimo, o côco erguido e o busto em reverência. Era ainda polidez, diplomacia:

— Desculpe V. Ex.<sup>a</sup> Teve agora a bondade de saudar-me e eu não pude corresponder. . . Só depois me voltei e o conheci. E que eu ia distraído, a trautear. . .

— Nada mais natural, senhor Veiga, nada mais natural. . .

E p'rò não despedir com brusqueria, fiz-lhe ainda esta pergunta estúpida :

— E que trauteava o senhor com êste frio?

Fixou-me. Depois com um gesto curvo, muito vago :

— Isto... o silêncio... a névoa...

Sem frauta rústica, pobre fauno de quico e butes rotos, o Veiga não imitava, como colegas seus de longes tempos, quando a Terra era ainda uma criança, o rumor claro das levadas rindo espuma, mas apenas o esgarçar dolorosíssimo de uma névoa mendiga de dezembro, que o vento ia rasgando aos empuxões, nos beirais dos telhados, nas esquinas, esquecida talvez de que foi mar ou o choro das nuvens vagabundas...

E lá foi sob a grisalha a desfazer-se, ouvindo música inédita p'ra todos, êsse mísero fauno arripiado que eu vi uma só vez com uma ninfa...

Foi à beira do rio, em Massarellos. Como era tarde e não havia eléctrico, eu ia a pé p'ra Foz, na noite calma.

No cais, sentado em toros de pinheiro,— madeira para embarque, certamente — ha-

via um par em idílio, muito unido, onde fui descobrir com grande espanto, a silhueta cómica do Veiga.

Por trás, junto a uma faia sonolenta, detive-me um instante a escutar. Era o Veiga que falava à creatura, na sua voz gaguejada e um pouco enfática, em que eu sentia o ex-amador dramático sob uma névoa de lágrimas molhando-a :

— Não se aflija. Eu tenho relações. Ha-de tornar a entrar p'rá fábrica, descanse. De que serve chorar?... Torna a entrar, torna a entrar, digo-lho eu.

E uma voz de timbre fino, adolescente, respondia num chôro sem esperança :

— Não me querem lá mais. Que hei-de eu fazer?...

— Qual não querem ! Olha a grande coisa ! Mas porque foi que andaram à panca-da ?

A outra voz choramingava, aos haustos :

— Eu andava na descarga do carvão... Nunca chegávamos à barca ao mesmo tempo. Quando eu trazia o cêsto carregado,

voltava ela sempre de o largar... e dava-me encontrões e más palavras. Eu calava-me, mas já não podia mais. Tudo isto, já se vê, por causa dum rapaz que é da Afurada e anda a passar o povo p'rá outra banda. Hoje deu-me um encontrão com tanta fôrça, que me voltou o cêsto na cabeça e chamou-me... ainda por cima. Foi então que me atirei a ela como cega — que até lhe cuspi de raiva no cabelo... Depois o inspector veio e poz-me fora. E agora... agora...

Desatou a chorar de encontro ao Veiga. Corria um leste morno de carícia, e êle passando-lhe as mãos magras na cabeça, gaguejava consolações, mui comovido :

— Não chore, não chore, torna a entrar. E há-de voltar p'ra casa ainda esta noite... Eu mesmo vou acompanhá-la... Não tenho nada que fazer. Não me faz monta... Eu falo à sua mãe, conto-lhe tudo. Já ela lhe não bate... então... não vê? Depois volta p'rá fábrica, verá. Eu tenho relações, trato-lhe disso. Amanhã pela manhã...

Não ouvi mais. Nem um sôpro de desejo nessa arenga: apenas o amor por um ser vivo, a ânsia de o erguer que êle teria, vendo um caule partido num caminho ou uma rosa ao abandono, a desfolhar-se.

É que os nervos do Veiga, como os de certos artistas que teem génio, vibravam de amor igual por toda a Vida, e sentiam nas rosas e na névoa, nas crianças e nos pobres e nas almas, a mesma ância inconsciente de Unidade, o mesmo erguer de mãos para a Beleza.

Vi-o depois na Corçoaria uma manhã de inverno, sob o tufo scismático dos cedros, grisalhos de névoa e de geada.

Debatia-se com grandes gestos aflitos, entre um grupo de garotos que gritavam. Trazia um frak imenso, parecendo ter sido acastanhado, coco preto que a grenha intonsa levantava, e na cara chorinca e acriançada, davam-lhe os olhos rasos, mais que nunca, um ar de melodrama píffio, um cómico angustioso de careta.



Não me sentiu aproximar. Ouvi-lhe a arenga gaguejada : compreendi.

Um dos garotos apanhara, fisingando-o à pedra, um pobre pássaro que outro tinha nas mãos agonizante. O Veiga que passeava, interviera, e entre insultos e risadas, reclamava com palavras patéticas, o pássaro — *para que o não matassem.*

— Se o quer, dê-me um vintem por êle, dizia brusco um dos pequenos.

— Quem?! Olha o peneira! gritava outro às gargalhadas.

Dei o vintem, mandei que lho entregassem.

Foi ao ouvir-me a voz que se voltou. Riam-lhe as lágrimas nos olhos. Tirou-me o côco, curvado em reverência. Depois, como o garoto lhe entregava o passarito, recebeu-o com carícia no côncavo das mãos arroxeadas, e hirto, solene, sacerdotal, veio entregar-mo, erguendo muito os braços, como se levasse uma píxide sacrosanta.

— É... é de Vossa Excelência... Muito... muito obrigado...

E sem que eu tivesse tempo p'ra fugir-lhe, beijou-me as mãos e deu-mo ensanguentado.

Encontrei-o muitas vezes de passagem : de manhã, de noite, a toda a hora.

Às vezes, esquecia-se a olhar muros de quinta, quando caem braçadas de glicínias, e era dèstes p'ra quem o musgo n'uma pedra é um afago de veludo que comove.

Uma noite, vi-o sair com um embrulho de um bazar. Vinha radiante. Viu-me, flectiu em parábola numa vénia, e foi andando.

Cruzei-o horas depois ao vir do teatro. Seguiu-me. Vi que queria falar-me e esperei-o numa esquina, a acender um cigarro. Abordou-me com o cerimonial de mandarim que êle usa sempre. Supus que ia pedir dinheiro. Mas não : era outra coisa.

— V. Ex.<sup>a</sup> desculpe. . . Está frio e eu venho demorá-lo. Vem decerto do S. João. . . é só um instante. É que eu devo uma satisfação a V. Ex.<sup>a</sup>. Viu-me hoje sair do *Bazar dos tres vintens*, não é verdade? De-

certo imaginou que eu fui lá comprar p'ra mim alguma coisa... Não fui: quero contar-lhe...

— Ó senhor Veiga, que idea! Nem pensei nisso.

— V. Ex.<sup>a</sup> consente? Eu vou dizer. Fui lá comprar uma boneca p'ra Mariinha... Perdão. V. Ex.<sup>a</sup> não sabe quem ela é. É a filhita duma pobre que eu conheço... Tem cinco anos... É um amor de pequenina. Sou muito amigo dela. Até me chama padrinho... A mãe ensinou-lhe. Já V. Ex.<sup>a</sup> vê... Era p'ra ela...

— Não era preciso dizer, eu nem notei...

— Era o meu dever. Pela consideração que V. Ex.<sup>a</sup> me merece. Queira V. Ex.<sup>a</sup> perdoar. Não o importuno mais. Está fria... está muito fria a noite!

Ainda uma reverência e lá partiu.

Estranho Veiga! Como se desentranhou êste ser de hoje, do grotesco banal que eu conheci?

Como dêsse reles títere, amoroso sovado, trapo humano, ex-amador dramático e ex-

-poetrasto, saíu o panteísta vagabundo, o louco duma misericórdia tão sentida, que eu vi salvar com os olhos rasos um pobre passarito moribundo?...

A pobre velha, morrendo, *iniciou-o*. Nasceu da sua dor segunda vez...

Uma manhã, em Carreiros, junto à praia, depois das cortesias do costume, pediu-me uns cobres para ir almoçar. E quando eu ia já a despedir-me, reteve-me com um gesto, e gaguejou esta oferta, muito lento :

— Peço licença... p'ra uma pequena lembrança a V. Ex.<sup>a</sup>. Mas antes prometa-me que a aceita... É uma insignificância, mas cuido que V. Ex.<sup>a</sup> a estimará...

Prometi.

Enfiou solene a mão ossuda no bôlso da sobrecasaca coçadíssima, que vestia sem camisa, contra a pele, e tirou com infinitas precauções, um asterídeo ainda húmido, perfeito.

— Como sei que V. Ex.<sup>a</sup> gosta do mar, pensei em dar-lha. É uma estrêla do mar... Perdoe o atrevimento...

E partiu quando eu lha agradei, com os olhos loucos rasos de alegria.

Nunca, porém, me feriu tão fundamentalmente o seu amor de louco à Natureza, como nessa madrugada em que eu o vi numa rua afastada de arrabalde.

Fazia já um calor asfixiante. Estava em cabelo junto a um muro de quintal, revestido de rosas de toucar, madre-silvas em flor e clematites.

Todo em gestos litúrgicos, mui lentos, punha rosas a abrir na grenha imunda, perfumava as mãos com madre-silvas, e passava-as nas fontes, extasiado.

De quando em quando descaía os braços, descansava assim alguns instantes, e na cara sugada, pele e osso, os olhos puros riam, muito calmos, numa beatitude transcendente.

Havia já um grupo em torno dele, de leiteiras que vinham p'rá cidade, de moços de lavoura que estacavam. Olhavam-no a rir perdidamente.

Eu pensava em Ophélia, no Rei Lear, nas



loucuras patéticas de Shakespeare, ao ver  
êsse alienado vagabundo, êsse estranho pe-  
dinte de olhos meigos, que trazia só pétalas  
nos bolsos, e em plena luz polínica de estio,  
oficiava a Pan, de butes rotos, aspirando  
perfumes voluptuado...

WORDS...



## Words . . .

(DUM CADERNO DE NOTAS DE C. F.) (1)

— Ao morrer, cada um de nós deve dizer à Morte : « Deixe-me estar ainda um bocadinho. Esquecia-me por completo de viver... »

— Xerxes chicoteou o Helesponto. Quando nós nos queixamos do Destino, somos tão pueris como êsse rei.

---

(1) C. F., meu ex-condiscípulo, despediu-se de mim para casar, como outros se despedem para morrer. Casou depois de ter vivido intensamente, — como outros se fazem morfinomanos ou alcoólicos : p'ra anular a sua inquietação, a sua febre, na sedativa estupidez da vida séria. Sentia-se sem saúde e sem coragem, quer p'ra viver a vida com nobreza, quer p'ra ir ao encontro ao

— A dôr deve ser como um amante — que nos faz sofrer e em quem batemos.

— Nietzsche definiu a glória « a falta de pudor na admiração ». No meu país, é a falta de pudor na incompreensão.

— No silêncio, nascem em nós sentidos : os sentidos p'ra vida do mistério . . .

— Obsessão a brocar um moribundo :  
« Nunca olhei, *sem outra idéa*, para o sol . . .

— Só a verdade é inverosímil.

— A amizade é uma hipótese divina que só os grosseiros cuidam ter vivido.

---

seu outono, morrendo a tempo — como manda o meu filósofo. Foi há três anos. Nunca mais nos vimos. Soube depois, por os jornais, que é deputado e, o que é melhor . . . ou pior, que vai ser par. Não sei se o meu amigo conseguiu a paz no anullamento, ou se é o actor duma comédia lúgubre — mascarando de banalidade o seu espírito. Deixou-me à hora da morte (à hora da vida social,



— Avaliamos quási sempre os outros pelas opiniões que teem de nós. É por isso que conhecemos menos — aqueles que mais julgam conhecer-nos.

— Os artistas procuram no amor, além da satisfação do instinto, a glória, — na admiração de mãos postas da mulher. Compensa-os de não terem público, e só tarde percebem — que quanto mais beijados... mais inéditos.

— É preciso ser feliz em família p'ra compreender a volúpia de estar só.

— Porque é que os ciprestes entristecem?... Porque, p'ra nós, são um soluço

---

da vida *séria*) os seus cadernos de notas — e uma obra de humorismo lírico, de ironia comovida e filosófica: — *A Metafisica de uma borboleta*. — Estas notas, que transcrevo de um dos seus cadernos, de entre as que não ferem sensivelmente a moral pública, são talvez — os senhores dirão — curiosas.

alongado e verde-escuro. É bem possível que êles sejam muito alegres... É por motivos dêstes que muitas coisas nos parecem tristes.

— Alguns dizem: publicar um livro é prostituir-se. Pedantes! O mar recebe nêle os vossos corpos...

— Quem mais injustamente julga um crime? Primeiro o criminoso, que estava *fora de si*, que já não sabe; depois os julgadores oficiais — que estão *fora de si* profissionalmente.

— *Aut Cesar aut nihil*. Podes ser um mendigo e ter na tua vida interior êste braço.

— Sou por tal forma talhado para amar — que o meu amor cresce com o meu desprezo.

— A maior parte da gente é *honesto* — em virtude da lei do menor esforço.

— Há um instante na vida em que cada um de nós se julga um deus: com uma doutrina a revelar, um calvário nos longes e um profeta...

— Quando depois de lamentar alguém o vemos salvo, sentimo-nos *roubados*.

— A arte é o refúgio dos que não podem viver integralmente. É muitas vezes também, uma vingança.

— A mentira e o dever são irmãos gêmeos.

Quando naturalmente, por instinto, nós fugimos ao código e à moral, ela apareceu-nos, máscara doirada, para esconder a responsabilidade. Mas há outra, a mentira criadora, que é a asa do Sonho e da Beleza. Os filósofos chamam-lhe: — *Verdade*...

— Umhas mãos, um gesto de mulher, um perfume de flôr, ou um velho estôfo, consolam bem melhor que Marco Aurélio...

-- As mulheres não falam só ao nosso instinto. Falam mais: sem se ouvirem, sem saberem... São quasi sempre vazias ou banais. Mas para além da frivolidade e do desejo, são verdadeiras fontes de inconsciente. Numas pálpebras descidas, num olhar, no misterioso de milhares de *nadas*, há sonhos e sonhos revelados, a expressão do *irreductivel a palavras*.

Elas são na sua vida interior, como crianças a assistir a uma tragédia... Soube lá nunca a Mona Lisa que tinha tudo o que Vinci copiou!...

— Um perfume na sombra tem uma voz de aparição.

— A renúncia é uma doença do desejo. Vem com a velhice quasi sempre.

— A humildade corresponde no homem ao mimetismo dos insectos.

— Certas preferências — que nem o raciocínio nem a estesia explicam — desper-

tam em nós sensações de vidas anteriores : um certo perfume, uma paisagem p'ra outros sem encanto, certa feia, uns versos medíocres, um acorde banal...

— Recusei ontem uma apresentação a um «homem de princípios». P'ra quê? Um «homem de princípios» é um homem conhecido : está impresso.

— *Música do mar* — Aquele violinista meu amigo foi viver, por conselho meu, p'rá beira mar. Ia com uma grande febre de compor. Levava um quarteto inacabado, um esbôço de sinfonia, outros projectos... Encontrei-o na praia ontem à noite. — Então... êsse quarteto? a sinfonia?... — Nem quarteto... nem sinfonia... nem violino... Eu já não faço música. Pus-me a ouvir a do mar bem simplesmente.

— A moral é um lastro. Deita-se fora p'ra subir...



— Todos dizem adeus com o mesmo gesto. E êsse gesto é o das asas... Subir é ficar só.

— Quando duas criaturas se amam, não pensam um instante em compreender-se. Uma vaga de inconsciente submergiu-as. Só mais tarde, morto o desejo, se reconhecem com espanto, dois estranhos.

Dizem com desespêro : « Um de nós mudou. Já não somos os mesmos ».

— De uma maneira geral, temos mais pontos de contacto com os nossos inimigos do que com os nossos amigos.

Amar uma mulher, querer conseguir o mesmo fim, são causas de ódio.

— O nosso inimigo é o nosso cúmplice.

— Os programas de govêrno estão para a política, como os dogmas para as religiões. Nem os primeiros interessam os partidários, nem os segundos os crentes.

— A liturgia obliterou-se, é de uma teatralidade já sem símbolo. Corresponde à retórica — ou arte de hipnotizar imbecis com gestos e palavras em que se sacrifica à idea ausente.

— Não há esculturas como as nuvens.

— Os homens que constroem um sistema, fazem a própria jaula em que se fecham.

— A grande indústria humana — a específica — é a fabricação de deuses.

— P'ra viver puro é preciso durar como as espumas : um instante.

— A tragédia de D. João está no supremo poder de seduzir, de que êle próprio foi a maior vítima. Em nenhum amor matou a sêde.

De mulher em mulher, como outros de idea em idea, êle era, essencialmente, um homem *bébedo de Deus*, como Spinoza.

— Um perfume é uma confiança: é também o olhar das flôres, e, segundo Hello, o seu estilo.

— Viajar é a arte de saborear decepções.

— A magia da viagem, tão grande como a do amor, começa no instante do regresso. A do amor chama-se — saudade, a da viagem — evocação.

— Se na morte tivéssemos consciência — gozaríamos emfim a viagem da vida.

— Um artista numa terra nova tem a sensação de nascer segunda vez.

— As escolas literárias são verdadeiras cooperativas de consumo. É só matricular-se... e cozinhar.

— Os génios são inclassificáveis: são a promessa falhada de outra espécie.

— A garra do génio é a sinceridade. — Fa-

lar *por la bocca de su herida* é um acto heróico.

— Só são coerentes os factícios.

— Os que se conhecem, são vazios.

— A palavra de honra é uma gazua. Força a credulidade dos ingénuos quando não temos força moral p'ros convencer.

— A música é o médium do mistério.

— A eternidade é a sensação de *alguns* instantes...

Às vezes é num grande perigo que a sentimos: certos segundos lúcidos da agonia em que se faz o supremo exame de consciência; antes duma operação grave, quando cada gesto tem um fervor de despedida; nos últimos minutos dum condenado à morte.

Outras vezes, é num grande gôzo que a entrevemos: no espasmo da còpula; na aura do ataque epiléptico (que Dostoïevski diviniza); nos primeiros momentos de admira-

ção por uma obra-prima; na vertigem da criação sub-consciente; e finalmente os místicos, na absorção em Deus, ou, segundo a expressão de Dante, quando «partem do século».

— Uma vez, tomando nas mãos uma cabeça de mulher, disse-lhe baixo, com a vontade perdida nos seus olhos: «Podes fazer de mim o que quiseres».

É isto que eu agora digo à Vida.

— *Testamento dum pobre* — Se eu morrer na primavera, envolvam em feno aromático meu cadaver nu, cubram-me de lilases e de rosas, deixem-me decompor assim — com tantos vermes como borboletas!

Enterrem nos meus olhos de morto já gomosos, pecíolos de rosas de veludo. Não me embalsamem. Que eu seja uma podridão bem petalada!

Ponham-me sob uma árvore florida, p'ra que um vento de cópula passando, sacuda o pólen sôbre o meu cabelo! Depois no



roxo outono, morto, o mais feliz dos mortos, cada corvo que vier grasnando — há-de partir de gula o bico curvo contra o meu crânio em que há pétalas murchas...

— O sacrifício é a selecção natural invertida: os fortes servem de degrau aos fracos.

— A incoerência instintiva, absolutamente sincera, tem uma lógica interior — a própria lógica da vida — que os psicólogos profissionais nunca auscultaram. Os personagens de Dostoïevski, por exemplo, ganham tanto mais em unidade e em verdade, quanto mais, p'ra olhos vulgares, se contradizem. Bourget é o psicólogo da coerência...

— O grito de Oswald Alving no último acto dos «Espectros»: «Mãe, dá-me o sol», é o grito que a morte gela em muitas bocas.

— Portugal é um navio naufragado em que a tripulação espera há séculos...

—A architectura que eu mais amo é a dos navios.

Os mastros aspiram como agulhas góticas, mas enquanto a catedral se queda em êxtase, as velas seguem entre adágios de asas...

—Adoro o mar. Ando a ensinar ao meu desejo um ritmo de ondas, e à minha dor a arquear de desespêro como as vagas — mas a sorrir por fim em pó de espumas.

— A. é um místico (medievalite e hidrofobia), B. vê tudo Wateau (é um requintado...), C. é um grego do tempo de Pericles; eu, tal qual tu me vês, sou um romano...

Quantos homens da Renascença tu conheces!...

O visconde L., por exemplo, é um Médicis...

Como quási ninguêem está nesta época — é bem de ver — quási ninguêem existe. Os que tu vês — são só sobreviventes... almas fósseis...

— Uma estátua mutilada humilha menos a nossa imperfeição: está mais perto de nós, comove mais.

— Conheci um poeta que escreveu a «Imitação do Mar», paralelo á «Imitação de Cristo».

Durante semanas viveu num quarto — só — uma vida de vaga. Encrespou, arqueou num grande esforço, foi um côncavo glauco cheio de asas, e explodiu a rir — todo espumante. . .

Só eu sei que se matou por não poder reviver aquela vida.

— Um livro tem p'rò autor uma outra voz: a do seu sangue a correr pelas palavras.

— O ritmo é o anestésico mais forte.

— O sarcasmo é um soluço que despreza.

— Alguns escritores publicam os retratos nos seus livros. Ignoram, decerto, que a *vera effigie* de um artista é o estilo.

— Há no fundo do panfletário mais violento, um pobre diabo ingénuo, fascinado, que aspira a *conselheiro* — sem saber. . .

— Receita p'ra fazer sucesso: condensar a banalidade, dar-lhe ênfase e imprimi-la com maiúsculas. . .

— Alguns condenam as corridas de touros e proclamam como uma obrigação — o sacrifício. . .

— A procurar o sentido da vida, esquece-se muita gente de viver.

— Conheço muita gente que só olha a natureza. . . emoldurada.

— O processo, em arte, é o *maquillage* do talento.

— O sucesso faz-se nos jornais: — a glória no silêncio.

— Quando um homem superior é célebre,

ou é admirado por defeitos, ou então por qualidades que não tem...

— As metafísicas são a *Belle au bois dormant* contada em ideas.

— Que frio! Deito ao lume os meus deuses p'ra aquecer... É bom ouvil-os crepitar: lenha divina!

Mas da cinza dos deuses — nascem deuses. Pela janela aberta vejo uma estátua na névoa: o super-homem!

Criar deuses é a mais estranha função da nossa espécie. Nem podemos aspirar as rosas: vivemos asfixiados de divino...

— Já viste uma ave livre — adormecida?... Tem nas asas fechadas todo o ceu. Antes de te deitares, bebe à janela a noite, até cáeres...

— A civilização é uma camisa de fôrças. Há duas maneiras de a rasgar: a arte e o crime.



— A sociedade perfeita é a de Narciso: a própria imagem reflectida numa fonte. É o máximo e o mínimo de convívio.

— A alegria é a pérola dos mergulhadores. Só se descobre com muitas atmosferas de dôr por sôbre os ombros.

— Meditar é viajar através de nós mesmos.

— A lei faz isto: que um homem passe com fome num pomar sem cravar os dentes num só fruto...

— As academias são o *trust* da glória. Às vezes, são também o asilo...

— P'ra saberes a expressão que teem as rochas, encomenda uma a um escultor. Nenhum ta poderá executar. São mil máscaras fundidas numa máscara.

— A melhor maneira de admirar um escritor é viver segundo o ritmo da sua obra.

— Viver é adorar com o corpo todo. A suprema oração é o desejo, a linguagem — a arte, que é o esforço heroico p'ra Beleza.

— Morte! És p'ra mim o sal da vida...  
O teu silêncio grita:— andem depressa!  
Deita mais lenha na ambição, ambicioso;  
decifrador de enigmas, parte a esfinge; corpo  
a corpo, amorosos, sonho em sonho; e tu,  
maníaco de teorias, bom filósofo, coze de-  
pressa o teu sistema— anda depressa!...

O teu silêncio excita como uma dança de  
baiaderas: dá vertigem...

P'ra exasperar em nós a sagrada loucura  
de viver, para que os homens não percam  
um instante— ergam-te estátuas nos jar-  
dins, nas praças, na cimalha das academias  
e dos templos, Musagéta da Vida, grande  
Morte, com a lira de Apolo e olhos vazios...

— O que é o mar para o meu corpo, é a  
dôr para a minha alma.

— A solidão, *beata solitudo*, é o palácio  
encantado dos espelhos. Ó alma, corre as

tuas galerias. Myriades de retratos, de obras-primas, no dédalo dos corredores, nas salas lúcidas, echoando em reflexos, irisan-do-se, como a palavra de Deus de estrela em estrela. É o teu povo; és tu, alma: és tu mesma.

— O tacto da alma é a evocação.

— Outono: idílio da Natureza com a Morte.

— O amor é o génio do desejo: um ins-tinto espiritualizado.

— A arte é uma espécie de alchimia: mes-mo do crime, extrai o oiro mais puro.

## ÍNDICE

---

	PAG.
Diálogo com uma águia . . . . .	9
O precoce . . . . .	47
O homem das fontes . . . . .	77
Suze . . . . .	119
O Veiga . . . . .	155
Words... . . . .	201

ACABOU DE SE IMPRIMIR ESTE LIVRO A QUINZE  
DE JUNHO DE MIL NOVECENTOS E VINTE NA  
IMPRESA DA EMPRÊSA DO «DIARIO  
DE NOTICIAS» PARA AS LIVRA-  
RIAS AILLAUD E BERTRAND



## ERRATA

- A pag. 2', onde se lê : «Colhecem lá o amor etc.»,  
deve lêr-se : «Conhecem lá o amor etc.»
- A pag. 73, onde se lê : «... ressuscitava em gra-  
mas sonolontas.», deve lêr-se : «... ressuscitava  
em gamas sonolontas.»
- A pag. 86, onde se lê : «Aludimos os», deve lêr-se :  
«Aludimos aos».
- A pag. 93, onde se lê : «Com miss Foutain», deve  
lêr-se : «Com Miss Fountain».
- A pag. 161, onde se lê : «Vivia com a mãe e sem  
mais parentes.», deve lêr-se : «Vivia com a mãe  
sem mais parentes.»

Faint, illegible text, possibly bleed-through from the reverse side of the page.











3

PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

PQ            Patricio, Antonio  
9261            Seroa inquieto  
P32S4  
1920

77

